

Suplemento # 28 - junho 2017 ÁLAMO OLIVEIRA

Todas as edições em www.lusofonias.net

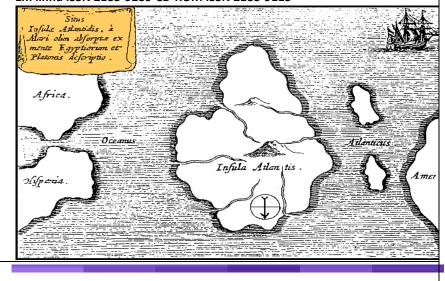
Editor AICL - Colóquios da Lusofonia

Coordenador CHRYS CHRYSTELLO

<u>CONVENÇÃO</u>: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA) Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



Nota introdutória do Editor dos Cadernos,

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até Pelos próprios autores.

Trata-se do segundo suplemento dedicado a Álamo Oliveira e no final incluímos o material constante do seu primeiro suplemento onde nos servimos do trabalho musical do próprio Álamo "A Traceira de Jasus", (e outros trabalhos) e de uma adaptação musicada feita por Pedro Teixeira da EB 2,3 da Maia

## 1. LAURA AREIAS, FACULDADE DE LETRAS, UNIVERSIDADE DE LISBOA IN 25º COLÓQUIO MONTALEGRE

TEMA "DUAS DITADURAS, DOIS ROMANCES: NUM MESMO SOFRIMENTO, TRAGÉDIA E SARCASMO".

Dois países, falantes da mesma língua, viveram no século XX - ainda tão perto de nós que o podemos recordar - regimes ditatoriais: Portugal e Brasil.

Quarenta, trinta anos passados, ainda se buscam explicações, justificações, quiçá para amenizar o sofrimento dos que perderam os seus ou dos que chegaram mutilados física ou psicologicamente.

Na América latina ainda se buscam dramaticamente os desaparecidos. É preciso, sobretudo, resgatar a memória para que não se repita, embora se repita sempre...

Motivada pela data deste evento, escolhi dois autores que conheço pessoalmente, cuja obra tenho estudado e que em dois romances, ora reagem trágica ora ironicamente aos acontecimentos sofridos.

Maria José Silveira, ela própria e o marido perseguidos e refugiados políticos no Chile, de convicções inabaláveis; Álamo Oliveira que, apesar de habituados ao seu sarcasmo e à sua ironia, nos surpreende com os heróis de 60 e com a bonomia tragicómica e a destreza com que combina um assunto ilhéu, nacional, e bíblico.

### "DUAS DITADURAS, DOIS ROMANCES: NUM MESMO SOFRIMENTO, TRAGÉDIA E SARCASMO"

Maria José Silveira. Escritora galardoada brasileira nasceu em Goiás, Brasil. Ela e o marido, intelectuais de esquerda e ativistas políticos, eram proprietários de uma editora e exilaram-se no Chile durante a ditadura militar do Brasil. Vivem em São Paulo, e continuam a trabalhar com editoras, como tradutores e autores. Minha amiga pessoal, não creio que isso esteja no seu curriculum, mas estará no meu.

### 1.1.0 VOO DA ARARA AZUL, 2007.

Se tivesse que escolher um só adjetivo para caraterizar este livro, parece-me que o que melhor lhe assenta seria "diáfano". Pela sua leveza – mesmo nos momentos mais cruéis – repito, a leveza talvez do voo da arara... A segunda e terceira leituras da obra confirmaram a sensação que tive, da primeira: transparência, leveza. Apesar das perseguições, espancamentos, torturas, assassinatos de que há notícia ou relatos, perpetrados por agentes de um governo tirano, o filtro do tempo e o enlevo do amor trazem

à memória de André, o narrador / protagonista, e dele até nós, mais os sentimentos que os acontecimentos.

Por isso, desde a primeira vez, vem-me a propósito a frase com que Eça de Queirós explica, ou justifica, o romance *A Relíquia*, de 1887: "Sob a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia". O manto que cobre a dura verdade vem, no contexto presente, do olhar deslumbrado e do coração de um menino de doze anos que descobre o Amor – experiência revivida vinte e tantos anos depois - quando o assunto e o tempo são evocados no romance.

A autora, tece uma trama dirigida, na 1ª pessoa, pela personagem que recorda como a sua primeira paixão o marcou indelevelmente. E como o objeto dessa paixão platónica, uma jovem mulher de 20 anos, Lia, militante de esquerda, vai despertando no adolescente, cuidadosamente, o gosto por quanto, até ali era desgosto – a leitura, a crítica criteriosa à informação, o estudo, o relacionamento com os outros, começando pelo marido dela e o seu tio, todos eles seus novos vizinhos, gente solidária e lutadora por um país melhor (eles próprios tinham em casa uma imprensa clandestina, onde imprimiam a propaganda que depois cuidadosamente distribuíam).

Por sua vez, os leitores adolescentes - pois é sobretudo a eles que se dirige sob a classificação de literatura infantojuvenil - surpreender-se-ão com a variedade de material narrativo de que a autora tira partido apelativo, evitando a monotonia das sequências de páginas a preto e branco: tiras de banda desenhada, com as próprias personagens desenhadas por André a debutarem numa futura carreira de repórter ou realizador de cinema, em que o documento e a informação têm um lugar essencial; a surpresa da mancha gráfica com a reprodução do jornal *Unidade Operária* de 1969 – um tipo de materiais que a escritora usa(va) em outras novelas eventualmente para um público leitor que é preciso cativar.

Gostaria e permito-me relevar o lado didático da obra.

O didatismo comedido do livro, outra tendência recorrente da autora, é percetível, mas sem chocar. É nos conselhos de Lia que se revela o pendor pedagógico e os objetivos do texto – a memória daquilo que não se deve repetir, e para que não se repita - em função de um certo público – embora esteja eu em crer que um bom livro serve todas as idades. Corroboram também as observações dos pais do protagonista, que veem o jovem, outrora apático, desabrochar: estudar, comunicar, interessar-se de um modo positivo pela vida e pelo seu semelhante. Há ainda a crítica social e política que o vai conscientizando e fazer agir. Por amor, André salva outros que viviam no esconderijo, já consciente do que está a arriscar.

Deixo para o fim aquilo que dá o título ao livro e ao hipotético filme em que o narrador personagem contará a história de duas amigas: Magda e Lia. Uma como que se funde simbolicamente na outra, insufla-lha a vida nova de que vai precisar na clandestinidade. Será o eterno sacrifício da Fénix ou da maternidade. Magda, a arara azul, Magda - Lia renascida...até quando? E nada mais revelo, para que o leiam.

Parece-me escusado evidenciar uma ponte, de uma para a outra obra, que o título da comunicação já explicita: um mesmo sofrimento por uma mesma causa. Cada uma tão

diferente, é tão plena, na beleza, na mensagem, na sua grandeza, ainda que tratando da miséria humana, que vale por si.

### 2. MARTA DE JESUS – A VERDADEIRA, 2014

Álamo Oliveira, o *nosso Álamo*, cria um cenário natural e humano na mais bela e mais recôndita das 9 ilhas, que acolhe o nascimento e o desenrolar do percurso, e suas revolucionárias atribulações, de um punhado de esperançados num mundo de justiça e paz, liderado por um Salvador, de seu nome, o "Grupo de 60". Aliás a alusão à geração de 60, é por si só a marca de um ideal em que se cria e se perdeu, um modo de ser e viver, pelo qual nos propusemos lutar. Portanto assim se delineia o plano mítico e um plano humano que irão desenrolar-se em paralelo, interferindo um no outro, como numa epopeia, mas gorada.

Nos homens, todos os nomes, parentescos, nascimentos, profissões ou atividades, ideais; nas mulheres também os nomes, atribuições domésticas e familiares, comportamentos sociais, têm um paralelo com a vida de Jesus Cristo. Como nos passos da paixão, há flagelações, prisões, um Herodes que lava as mãos em ambos sentidos, os trinta contos / dinheiros, tribunal, juízes, condenação e morte. Exceto milagres, com o que Álamo não transige.

Emanuel Salvador filho de um carpinteiro e de Maria Nazaré; a família dos irmãos Marta, Lázaro e Maria e a sua amiga e prostituta Madalena; um chefe iluminado Pedro; os 4 cronistas João, Tadeu, Lucas e Mateus, o homem dos pequenos contrabandos alfandegários Judas que se suicida. São os protagonistas de uma ação que decorre desde os alvores da Guerra colonial até ao 25 de abril, numa ilha recôndita.

Estes seres simples que são "felizes com uma vaca, duas leiras e umas galinhas" (sic), sentem-se injustiçados com a natureza que os fustiga de invernias, solidão e escassez de comunicações, mas têm a capacidade de almejar a salvação da pátria – assim como Jesus Cristo terá almejado salvar a humanidade - embora ninguém saiba como, nem o leitor. Talvez só Pedro.

No seu estilo mais que irónico a que já nos habituou, Álamo deleita-se e deleita-nos em comparações inesperadas fundadas num trivial quotidiano que contrasta com o insólito da situação. Exemplifico: o desejo de beijar ao de leve um rosto como quem polvilha um prato de arroz-doce (2014:124), "a noite caíra como quem coça urticária" (2014:110), "o «Carvalho Araújo» fundeou como um príncipe de calções" (2014:146).

O autor costura duas inofensivas palavras que, combinadas, têm melífluas conotações (como aliás eu já havia notado pelo menos no penúltimo romance *Murmúrios com vinho de missa*.

Quando escreve aqui, em *Marta...* "o juiz abriu a pasta de calfe verdadeiro" (2014:141) obviamente que o adjetivo cria uma redundância escusada que desequilibra e provoca o riso porque lembra a contrafação, o fingimento, o poder aquisitivo da personagem e até o

facto de ser nomeado um pormenor tão irrisório no meio de um julgamento de um grupo de homens e mulheres inocentes, mentirosamente incriminados.

Lembra, mais uma vez, Eça de Queirós ao intrometer o prosaico no trágico ou no sublime (*Os Maias*). O mesmo ocorre quando Emanuel Salvador embarca para o degredo e é beijado por Marta, diz-lhe que não vale a pena gastar o seu perfume com ele: "estou impecavelmente lavado. Todo. Cheiro a musgo real" (2014:145), não só pelo nome do antigo sabonete como pela alusão ao "todo" tout court, que levanta em nós risos maldosos...

Além das saudades de inhames com linguiça, sempre presentes. Sem querer desvendar mistérios da narrativa para não tirar o sabor da descoberta, direi que Álamo não ressuscita Lázaro embora muito instado...que, quando falta o vinho, e todos esperam o milagre de Canaã, de facto as vasilhas enchem-se, mas porque Salvador fora à socapa buscar um vinho zurrapa ao vizinho (o leitor não é logo informado, fica em suspense se é milagre ou o quê... e nisso se manifesta a picadela marota de olho de Álamo "queriam milagre, não?")

A revolução para salvar a pátria que os florentinos empreenderam, aborta, como diz Marta muito seriamente, porque são ingénuos e crédulos. E todos voltam à sua pasmaceira com a liberdade possível <u>que já tinham</u> e ao sonho de poder emigrar para a América, que já tinham.

Mas o que me pareceu mais irónico, mordaz e divertido é o *happy end*: mais que Salazar, que os seus juízes, os seus esbirros, e os seus pides, quem manda mesmo são os governadores locais açorianos, só para chatear o poder central de Lisboa, e a perceção pelo povo de "como todos eram capazes de trair os seus superiores só pelo gozo de os tornarem vulneráveis aos caprichos desse mesmo poder" (2014:174).

Por isso, o desconcertante final da história assemelha-se às anedotas de Alentejanos, em que estes tomados em geral por simplórios, acabam por enganar, com a sua esperteza, os lisboetas, os citadinos.

Álamo Oliveira é um mestre nos desfechos. Já nos habituou ao inesperado dos finais. Recordemos "O perfume da Santa" ou "As Brindeirinhas", "O coreto", dos livros *Contos com desconto* ou *Com perfume e com veneno*, em que apenas com uma frase lapidar remata um final inesperado, alias típico da anedota.

Neste romance, de maior fôlego, o sarcasmo já anunciado, explode no inesperado da solução com que Álamo resolve a personagem Salvador / Jesus Cristo e a comparação com a salvação de Portugal. "Somos um país de brandos costumes" - é o cliché dos portugueses, e Álamo não mata ninguém, apenas permite a um que se suicide para não transformar as "verdades" bíblica e histórica.

É um romance à nossa medida, à nossa pequenez, mas um desafio, todavia, àquilo que os Portugueses têm por sagrado, a sua história, pela inversão de valores que o autor muito bem arrisca.

A autora brasileira deixa-nos perplexos pela grandiosidade e beleza, pela coragem perdida no sacrifício humano, mitigado pela distância temporal, tanto da personagem / narrador em relação aos factos narrados como a nossa mesma. É que ela acarreta ainda o drama sul-americano dos milhares de desaparecidos e o doloroso esforço dos governos que não se conformaram, pela identificação, pelo menos, dos descendentes de pais desaparecidos.

O último governo da Argentina, que terminou em 13 de dezembro de 2015, despediuse com o feito, entre outros, de ter recuperado o neto 119. Alerto e exorto a que procurem, os meus ouvintes e leitores, o alcance destas últimas palavras de Cristina Kirshner, e do seu impacto na vida presente e real do povo sul-americano e em nós mesmos.

PARA QUE NÃO SE REPITA!

### 3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Oliveira, Álamo (2014), Marta de Jesus – a verdadeira, PDL: Letras lavadas edições. Silveira, Maria José (2007) O voo da arara azul, São Paulo: Callis Editora.

Porto Rico, janeiro 2016

2. KATHARINE F. BAKER E BOBBY J. CHAMBERLAIN, PH.D. 21º COLÓQUIO MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014

TEMA 3. "DRAMA! INTRIGAS! VACAS!" COMPARAÇÃO DE FAMÍLIAS MULTIGERACIONAIS DE LEITEIROS DO SÉCULO XX, IMIGRANTES DA ILHA TERCEIRA AO CONDADO TULARE NA CALIFÓRNIA, NOS ROMANCES LAND OF MILK AND MONEY [TERRA DE LEITE E DE DINHEIRO] DE ANTHONY BARCELLOS E JÁ NÃO GOSTO DE CHOCOLATES [I NO LONGER LIKE CHOCOLATES] DE ÁLAMO OLIVEIRA.

O autor açor-americano Anthony Barcellos escreveu o romance *Land of Milk and Money* (2012) com a intenção de preservar a grande riqueza de histórias familiares sobre as experiências dos seus avós imigrantes e os descendentes deles no Vale de São Joaquim na Califórnia.

Escrito em forma de ficção, com os nomes das personagens e certos pormenores alterados para protegerem a privacidade, trata-se da saga dum casal português da ilha Terceira nos Açores que, pouco antes do fim da primeira grande onda de emigração da Europa, recebeu de parentes já radicados nos Estados Unidos a *carta de chamada* que permitiu a imigração com os três filhinhos. Instalaram-se no condado de Tulare, onde durante várias décadas educaram as crianças e trabalharam muito para estabelecerem uma leitaria bem-sucedida. No entanto, logo depois da morte da primeira geração, os

descendentes começaram a fazer guerra uns contra os outros, sendo a herança de um grande legado um ponto de discórdia amarga.

Barcellos já escrevera o primeiro rascunho do *Land of Milk and Money* antes de ler a tradução inglesa de Diniz Borges e Katharine F. Baker do romance *I No Longer Like Chocolates* [Já Não Gosto de Chocolates] do autor açoriano Álamo Oliveira — a saga ficcional duma outra família terceirense que, pouco antes do início da segunda grande onda de imigração açoriana, recebeu sua própria *carta de chamada* que possibilitou a sua imigração aos Estados Unidos, onde também trabalharam muito para criarem os filhos e estabelecerem uma operação de produção leiteira de sucesso no condado de Tulare.

Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia XXI colóquio ~ São Miguel, Açores, Portugal ~ 26 Abr 2014

## Drama! Intrigas! Vacas!



Comparação de familias multigeracionais de leiteiros do século XX, imigrantes da ilha Terceira ao condado de Tulare na Califórnia, nos romances Land of Milk and Money de Anthony Barcellos & Já Não Gosto de Chocolates de Álamo Oliveira



Katharine F. Baker ~ Bobby J. Chamberlain, Ph.D.
University of Pittsburgh ~ Pittsburgh, Pennsylvania ~ USA

<u>katharine.f.baker@gmail.com</u> ~ <u>chambln@pitt.edu</u>

Ao ler o romance de Oliveira, Barcellos observou que "os conflitos intergeracionais são naturais em todas as famílias, com as famílias de imigrantes tendo o agravante adicional de transição cultural, que pode alienar as gerações com mais eficácia do que meras diferenças de idade.

Desta forma, os conflitos [nos dois romances] não são meramente 'típicos' mas quase 'estereotípicos'". Mas apesar do património comum dos autores, as famílias respetivas (tanto verdadeiras como fictícias) responderam de maneiras distintas às pressões da cultura americana predominante para os imigrantes se assimilarem. A família do *Land of Milk and Money* instalou-se quase de maneira relativamente tranquila numa existência

americana, com o patriarca a considerar as transformações geracionais como esperadas e naturais.

Por outro lado, o patriarca do *Já Não Gosto de Chocolates* lutou incessantemente contra a assimilação. O seu descontentamento com a decisão de imigração foi exacerbado pela adaptação cada vez mais amarga à vida americana da mulher e especialmente dos filhos – um processo que, apesar de todo o seu sucesso comercial, atacou e degradou a essência da sua própria identidade e autoimagem.

### **SLIDE 1: TITLE PAGE**

Os romances Land of Milk and Money, de Anthony Barcellos, e Já Não Gosto de Chocolates, de Álamo Oliveira, narram as sagas fictícias mas autênticas de duas famílias que saíram da ilha Terceira nos Açores durante o século vinte. Estabelecendo-se por coincidência a poucos quilómetros uma da outra no Vale de São Joaquim na Califórnia, cada família se esforçou por construir ao longo dos anos uma leitaria próspera. Apesar de possuírem semelhanças marcantes, os romances diferem um do outro quanto ao seu estilo e substância.

### **SLIDE 2: PROPOSED BOOK COVERS FOR LMM**

Barcellos inicialmente intitulou o seu romance de *Dear Dairy*, um trocadilho na expressão *Dear Diary* utilizado nos diários pessoais, que encaixava com o sítio rural do livro e a sua estrutura como uma série de vinhetas distintas. Mas o editor do manuscrito propôs *Land of Milk and Money*, um jogo de palavras irónico baseado na para onde Moisés conduziu os Israelitas, "Terra de Leite e Mel" sobretudo por causa das oportunidades agrícolas que existiam quando o melhor solo do estado ainda era barato e disponível. Depois da mudança de título a editora ofereceu três opções.

### **SLIDE 3: BARCELLOS & OLIVEIRA BOOK PRESENTATIONS**

Quando Barcellos escrevia o seu primeiro romance ainda não tinha nenhum conhecimento de um cânone literário Luso-Americano, muito menos de que o seu livro em breve pertenceria a ele. Era um escritor lido e experiente — tendo sido jornalista, tinha escrito uma dissertação doutoral e coescrito um livro didático. Mas ainda não publicou nenhuma obra de ficção. A única figura literária Lusodescendente de quem tinha conhecimento era o falecido John Dos Passos.

Embora Barcellos tivesse morado na Califórnia quase toda a vida, enquanto escrevia o manuscrito ainda não tinha ouvido falar do preeminente escritor açoriano Álamo Oliveira – nem do seu romance traduzido por Diniz Borges e por mim, *I No Longer Like Chocolates*, que versa sobre a vida de uma família terceirense que imigrou para o condado de Tulare uma geração mais tarde e estabeleceu uma operação de produção leiteira bem-sucedida, e cuja estrutura familiar também desmoronou.

### SLIDE 4: TERCEIRA MAP

Os Barcellos – e os seus alter ego fictícios, os Franciscos – saíram de São Bartolomeu para a Califórnia na década de vinte, nos fins da primeira grande onda de emigração açoriana. Qualquer esperança de voltarem para a terra natal acabou não se realizando.

A família de Álamo Oliveira emigrou do Raminho à Califórnia na segunda grande onda.

### **SLIDE 5: TULARE COUNTY MAP**

Mas durante várias décadas Álamo passou tempo considerável na Califórnia porque a família dele estabeleceu-se mais tarde na região de Tipton, oito quilómetros a oeste. Os avós de Barcellos estabeleceram-se perto de Porterville no sudoeste do condado de Tulare. Além dessas cidades, alguns episódios dos dois romances se realizaram em Tulare e Visália.

### **SLIDE 6: FRANCISCO FAMILY TREE**

Barcellos afirma que, para o contador de histórias "tudo pode ser verdadeiro na ficção". Por isso, quando vários parentes insistiam em que preservasse histórias familiares, deu ao livro a forma de um romance, em vez de não-ficção. Alterando nomes e pormenores para proteger a privacidade – e inventando histórias para melhorar o desenvolvimento de personagens e preencher lacunas no enredo – ele narra a saga de um casal português, que recebeu a *carta de chamada* que permitiu a imigração com a filha e os dois filhos.

### **SLIDE 7: BARCELLOS FAMILY FARM, 1970**

Na Califórnia, os Barcellos educaram os filhos, trabalharam muito para estabelecer uma leitaria típica do Vale de São Joaquim, e prosperaram. Depois das mortes da primeira geração, os descendentes travaram guerra amarga uns contra os outros sobre a herança desse legado. A sua luta emoldura o romance *Land of Milk and Money*.

### **SLIDE 8: TULARE COUNTY COURTHOUSE**

O viúvo da falecida filha da matriarca se ressentia de não ter recebido a sua "devida parcela" do espólio embora os filhos dele tivessem recebido heranças consideráveis. Tentou anular o testamento. Barcellos carateriza a avó como "o eixo da família, o centro vital, sem a qual a família desmoronou. Uma velha astuta", o seu testamento obrigou os dois filhos a colaborarem como coexecutores do espólio. O filho mais velho, menos competente do que o seu irmão, "estava profundamente magoado por não ter podido dar as cartas, mas não foi por acaso que a mãe tivesse resolvido a cortar-lhe as asas. A batalha deixou cicatrizes que permanecem até hoje".

### **SLIDE 9: COVER ART FOR CHOCOLATES**

Os Silva de *Já Não Gosto de Chocolates* levavam uma vida não muito diferente daquela da vila natal de Álamo Oliveira. Mas o patriarca José, inspirado pelo pároco, sonhava em se estabelecer na Califórnia para que ele, a sua mulher Maria de Fátima e especialmente os seus quatro filhos, com idades de nove a dezassete anos, pudessem desfrutar de uma vida melhor.

O Padre Meneses pregava:

"Sabeis como todos gostamos da América. Tantos dos nossos andam por lá e mandam águias de ouro, roupas, candins, gamas, chocolates"... [José] ouvia aquela lista de riquezas e só fixava os chocolates. Adorava chocolates americanos e nunca os comera. Apenas lhes adivinhava o sabor.

Armados com uma carta de chamada que permitia a imigração, obtida através de uma tia já radicada na Califórnia, os Silva, ", partiram com o destino à América". Primeiro moraram numa trela de alumínio sem ar condicionado. Os pais e os filhos mais velhos trabalhavam muito em trabalhos braçais, enquanto os dois filhos mais novos se matricularam numa escola. Aos poucos a família, que já se tinha renomeado "Sylvia", ia prosperando. Mas para a angústia do agora-Joe, Mary e os filhos iam adotando cada vez mais os costumes americanos, sobretudo declarando a sua independência da tradicional autoridade do pai açoriano. Afinal, Joe chegou a ficar tão indignado com a América que já não gostava nem dos seus chocolates.

### SLIDE 10: COVERS. SIXTY ACRES & A BARN. THROUGH A PORTAGEE GATE

A entrega a uma editora do seu manuscrito por Barcellos levou-o a realizar um estudo da literatura Luso-Americana. Quando ele leu a descrição do romance de Alfred Lewis Sixty Acres and a Barn, também ambientado no Vale de São Joaquim, temia que o Land of Milk and Money não acrescentasse nada a um tópico que Lewis já tinha tratado; no entanto, Barcellos descobriu que a sua perspetiva mais restrita tratava mais de angústias individuais que de uma família multigeracional. A escrita de Charles Reis Félix, exemplificada no Through a Portagee Gate, surpreendeu Barcellos por causa da semelhança do estilo episódico; observou que, se o tivesse lido antes, teria achado que o seu próprio romance fora influenciado por Félix – mas o mesmo estilo era natural para os dois.

### **SLIDE 11: PHOTOS OF COMMENTERS**

Não é nenhuma surpresa para a crítica Karen Davis que as famílias tenham ficado amargamente divididas. Mesmo numa área tão pequena como os Açores, as pessoas variam. A primeira geração sonha com regressar à terra natal, enquanto a terceira não pode conceber a vida de volta às ilhas. As pessoas ainda são pessoas: o filho inepto que quer ser dono da fazenda, teria sido o mesmo nas ilhas como na Califórnia.

Davis observa que Barcellos trata de *saudades* dos Açores em forma de retrospetivas, enquanto a nostalgia dolorosa do patriarca de Álamo permeia o seu romance. Esta dicotomia - somos portugueses ou americanos? – pervaga ambos os livros. Surgem corolários: qual é a nossa pátria? vamos voltar para lá? e como seria? No *Land of Milk and Money* a última pergunta fica sem resposta, enquanto no *Chocolates* é respondida quase desastrosamente. Gerações diferentes olham para as coisas de maneira diferente, a falarem línguas diferentes. Para aqueles que cresceram em mundos estranhos, a lacuna torna-se um abismo.

A mariense-californiana Helen Cunha Kerner comenta as referências religiosas de Álamo. Os Silva são José e Maria de Fátima – e o seu filho mais velho António foi nomeado em homenagem ao santo padroeiro de Portugal. Quando Joe se muda para um asilo de idosos, lamentando a morte da sua amada Mary, a sua enfermeira pessoal Rosemary é

tão semelhante que Joe a acredita enviada dos céus; ela ilumina a existência escura dele. A camisola de linho que Maria de Fátima usou na noite do casamento torna-se um Santo Sudário para Joe. A única nota de esperança de Joe é que o seu tempo lá lhe dá a clareza de visão e uma "mente aberta" para aceitar as coisas que outrora desprezava — um filho gay morto pela SIDA, a síndrome de Down de um neto — e para prepará-lo para pôr de lado o seu cajado na presença do seu anjo da guarda no seu derradeiro momento. O romance termina com Rosemary: "E sumiu-se pelo corredor do hospital. Sem deixar pegadas nem sombras."

Vamberto Freitas descreveu o *Land of Milk and Money* assim: "quase uma retomada bíblica dos mais velhos temas humanos, irmãos contra irmãos, clã contra clã – nada como as partilhas de propriedade e dinheiro para manifestar todo o nosso veneno, inveja e [...] a ganância".

Barcellos comenta que "os conflitos intergeracionais são naturais, tendo as famílias de imigrantes o agravante adicional de transição cultural, que pode alienar as gerações com mais eficácia do que meras diferenças de idade. Desta forma, os conflitos [nos dois romances] não são meramente 'típicos' mas quase 'estereotípicos'".

No entanto, Barcellos considera o patriarca no *Land of Milk and Money* um fatalista que percebeu que a mudança era inevitável e que poderia frustrar os seus planos mais almejados, especialmente os de voltar à Terceira. No entanto, ele aceitou o que ficava além do seu próprio controlo e optou por viver da maneira mais positiva possível.

O autor californiano Julian Silva nota que "ironicamente, no final do livro, é o segundo filho do segundo filho que justamente leva os negócios familiares, e a regra de primogenitura.

Por outro lado, o patriarca do Álamo nunca poderia parar chutando contra o destino, e aceitar as mudanças inevitáveis que a vida na América tem forjado na sua família. Por isso a sua situação ficou drenada da sua existência. Ambos os patriarcas foram efetivamente exilados da sua amada ilha – mas um encontrou um novo lar, enquanto o outro tentou mas não conseguiu construir uma fortaleza contra a cultura americana."

### **SLIDE 12: TITLE PAGE**

Se algum dia o *Land of Milk and Money* for traduzido em português, sem dúvida Álamo Oliveira gostaria de ler a saga de Anthony Barcellos de uma outra família de imigrantes terceirenses no condado de Tulare.

### 3. LAURA AREIAS, 21º COLÓQUIO MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014

# TEMA 1.3. MURMÚRIOS COM VINHO DE MISSA, DE ÁLAMO OLIVEIRA: UM GRANDE ROMANCE SOBRE A SOLIDÃO LAURA AREIAS, 21º COLÓQUIO MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014

Álamo teve este manuscrito na gaveta por muito tempo. A sua feitura está intencionalmente datada por ele na última página: Raminho 2004,5,6. Mais que o explicável, sendo um autor conhecido, com qualidade comprovada nos vários géneros.

Agora que o livro foi finalmente editado, sete anos depois, aí está a razão da demora: é um livro polémico que toma em defesa um tema tabu, na moda. E mata dois coelhos de uma cajadada: justifica, de vários ângulos, as relações entre um homem ou mulher mais velha com um jovem, vulgo pederastia, e a talhe de foice, discorre sobre a mordaça do celibato dos padres, vergastando ideias controversas do catolicismo, como essa privação a que os obriga, em nome do mesmo Deus que deu as funções de procriar a todo o ser vivo sexuado. Não é, todavia um livro sobre pedofilia nos termos em que a psiquiatria, a psicologia, a definem.

O romance de Álamo Oliveira apresenta uma tese, explicitada e apoiada na Tese de Mestrado da personagem Jonathan, orientada pela Professora Lucília: a "pedofilia" quando consentida, não é crime mas aprendizado. E cria duas situações em que prova exatamente o contrário por que esse alegado "abuso" ou perversidade se dá às avessas: o abusado é o alegado pedófilo ou pedófila. Não estamos a falar de violação de menores, e o Padre Raul frisa isso muito bem!

Todas as circunstâncias, cenários e personagens têm um referente real. A cidade, A Universidade, o ambiente académico, os professores e estudantes, o círculo de Amigos, os amores – tudo isto o autor conheceu pessoalmente e com eles conviveu *realmente*, mais que uma vez. Depois pegou nas situações e administrou-as às suas conveniências, e às criaturas moldou-lhes os carateres a seu bel-prazer, exagerou aqui, contemporizou acolá, como é direito que assiste ao criador artista.

Há uma Professora ao serviço da política de expansão e do conhecimento da língua e cultura portuguesa, demasiado *nonchalant* para a Missão que tem em mãos. Há uma instituição portuguesa, o IC, que paga mal, renegando a Leitora para um bairro negro de periferia — o que extravasa e complica a ficção porque a designação desse instituto corresponde à realidade, mas os seus Leitores nos USA, de facto não passam por essa penúria. Bem podem habitar no bairro da Universidade onde há professores, estudantes, gente branca, preta, mulata e morena, porque Nova Orleães é um cadinho de povos europeus, africanos, acadianos, latino-americanos, com grande componente da América Central.

Aliás, isso foi visível na prontidão com que se organizou um avião inteiro de víveres, mantimentos, medicamentos, e técnicos de saúde, quando houve uma catástrofe ecológica na Nicarágua, nos anos 90. Tudo o que toca a dinheiros, neste quadro na Luisiana é tido por baixo, por Álamo. O Márcio recebeu uma bolsa para estudar nos USA, que não chega para viver (é difícil de admitir que os USA dessem visto J1 se o estudante

não provasse possuir meios de subsistência). Em questões de estética: a casa, a maneira como se vestem, o que comem, exceto a brilhante aluna lésbica, correspondem a um estereótipo negativo que na Europa se faz dos americanos.

Todos estes e outros senãos, passam facilmente despercebidos a um leitor desarmado, logo obcecado pelo alvo a crivar: a pedofilia. Há ocasiões em que, estou em crer, Álamo fez certas adaptações para melhor corresponderem ao que em Portugal se tem por nota de tese de MA, uma certa confusão de Licenciatura e Mestrado... destas e outras situações apercebe-se, todavia, o leitor avisado, eventualmente académicos ou estudantes, experimentado nesses percursos.

O casal Prof.ª Lucília/Márcio, tem o seu correspondente no outro: Padre Raul/José Carlos, de seu falso nome, - "pedofilia" nas versões masculina e feminina. A preponderância e o estatuto social e económico, a diferença abissal de idades, correspondem em ambos os casos. A generosidade, bastante ingenuidade, e solidão – a solidão ilhoa a acumular com a que é imposta no sacerdócio – que caraterizam Lucília e P. Raul, são igualmente pagas com mentira, extorsão, traição, fuga e cobardia.

Álamo Oliveira vingou-se bem de um certo "Márcio" que conheceu: fê-lo passar por todos os graus da vergonha: mentiroso, ladrão, chumbou-o por faltas, envolveu-o na droga, deu-lhe uma filha muda e ainda o fez voltar pela segunda vez, na penúria e cheio de filhos, mendigando à Professora "maternidade". Ela, como o Padre: ambos enfrentam a prole da incúria do seu ex-amado.

Chegados aqui podemos apontar então os pomos da discórdia para a Crítica: a condescendência, pelo menos, com a pedofilia. A acusação da solidão/celibato dos padres como culpa de um pecado que não é, por estes, reconhecido como tal: a violação da castidade, independente do objeto do desejo (consigo próprio ou com outrem do mesmo sexo ou não). Qual prova que melhor refuta a ideia de pecado ou a condenação social do ato se não a de que o traidor é o ser/objeto amado e não o que ama, aconselha, acompanha, ajuda e protege? - poética e sinteticamente escrito por A. Botto, citado por Jonathan: "Gosto de fedelhos, vou-lhes ao cu, dou-lhes conselhos".

"Não há ilhas inocentes" — é a acusação dos que a conhecem por dentro: Álamo/escritor, Raul, Lucília — que se compadeçam com paisagens paradisíacas, não mais que paisagens. À mercê de sismos, enchentes, ventos ciclópicos e os consequentes racionamentos, receios medos, desejos de fuga, estas nove cagadelas de moscas espalhadas pelo Atlântico (imagem de A. Oliveira em *Contos com desconto*)¹ determinam nos seus filhos uma vivência onde o sobrenatural, o humano, o animal, a natureza e o sexo se regem pelas mesmas regras: tudo acontece porque está ali ao pé. Por isso neste romance, há desejos, apalpões, murmúrios e sexo por todos os lados.

Tudo pela conveniência da emergência, da urgência, da proximidade, das leis orgânicas que dividem a natureza em ciclos, em cios seja mulher, homem, panasca, padre ou galinha. Só a sociedade com as suas leis antinaturais não se compadece desse determinismo. Tão natural que serve de explicação à solidão acrescida pela distância, pela

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Álamo Oliveira, Contos com desconto, Lisboa, IAC, 1991, p. 11

imposição do sacerdócio, sem escolha. Essa teve-a a Professora, que não se conformou com a exiguidade de consciências e da geografia. E quis a aventura.

Quando nos dizem: "mas que sorte!... tens corrido o mundo" ou a outra versão com um toquezinho de maldade: "que sorte: andas sempre a passear!". Nem imaginam o quanto de preparação científica, de coragem e de abnegação isso nos custa. Tudo vale a pena, e cada partida anuncia uma chegada a outro lugar onde deixámos uma parte de nós... não morremos um pouco a cada partida – como diz a canção, – revivemos e ganhamos em cada chegada.

Se a personagem Professora não é um modelo de virtudes, Álamo, todavia, premeia-a com uma morte santa, que é um achado na economia do romance, castigando mais uma vez Márcio que fica contrariado com a filha, da qual se julgara livre entregando-a um dia à guarda de Lucília, agora de volta à sua tutoria. Márcio soma mais um predicado: é mau Pai.

Profundamente conhecedor da vivência ilhoa, o autor esmera-se na conceção da personagem Raul – no seu apostolado, na sua luta contra os elementos naturais como o grande sismo de 1980 que destruiu a Terceira, na sua capacidade de recomeçar, de perdoar, de ser indulgente com o Amor – amar pessoas, independentemente do sexo.

Muito do que se depreende nas relações dos dois protagonistas com terceiros, é serem uma panaceia para a sua solidão: Raul tolera-lhes a falta de diálogo, a falta de higiene - que é uma das suas maiores preocupações assim como matar-lhes a fome - a monotonia, em nome de uma companhia assídua, uma espécie de "esposa" submissa e calada

Os argumentos que já serviram a Raul e a Jonathan para tolerar, o amor/sexo indistintamente do género, são agora na Professora Lucília uma bandeira da sua autodeterminação:

Apetece-me subir ao púlpito da rua e gritar que, se pudesse, caçava todos os prostitutos, machos e fêmeas, para afogá-los com o seu próprio sexo. Fazia-o sem remorsos. Estou farta da inocência piedosa da maldade ser acarinhada judicialmente em nome de valores morais e imorais que alimenta essas quadrilhas de falsos meninos e meninas que usam a sua angelicidade para lançar, no poço do sofrimento, os que lhe deram pão e afeto.

Está Bem! Posso ser presa. Mas não me lixem. A minha iniciação sexual deuse quando eu quis e não quando alguns quiseram. Porque..., quem cala consente. Eu não consenti. E consenti.

Por isso, renovo a minha homenagem a todos e a todas que, sendo mais velhos, me ensinaram a descobrir os prazeres do corpo. Sem essa gente, revelada sob o escuro de palheiros e de atafonas; sob a proteção de silvados e campos de milho; sob o aconchego de noites em camas partilhadas por acaso, seria uma pobre de espírito, sem alfabetização sexual que me valesse.

Ah, como vos amei, pela paciência e generosidade! Como vos amo pelas gratas memórias que me deixaram!<sup>2</sup>

FINALMENTE, o romance é um portento de estrutura e de escrita. O escritor habituou-nos à sua capacidade de ser sarcástico sem ofender... recordem-se pelo menos as pequenas narrativas, *Contos com desconto* e *Com perfume e com veneno*.

Quando Álamo entra pelos meandros de igrejas e sacristias, santidade e conventos, o riso torna-se irreprimível no "Perfume da santa" (quando ao morrer e exala uma flor do ânus que mata todas as freiras, ou as desgraças intestinais do Joaquim Sacristão), no "Coreto" só para citar dois exemplos do seu sarcasmo inofensivo.

Neste seu último romance, torna-se também um narrador autocrítico nas notas de roda pé: criador de metáforas pirosas (ex. a bailarina da Gulbenkian ou os dentes do ratinho do Disney), entre outros mimos...

Um sarcasmo sadio e ironia associam-se especialmente quando se trata de cenas com figuras eclesiásticas ou ligadas à Igreja, na Ilha que Álamo tão bem conhece.

O CAPÍTULO III narra a estreia e a vivência do Pe. Raul na sua primeira Paróquia, Manadas. O sacristão e a Menina Francisquinha compõem o quotidiano miserável de 700 almas enclavinhadas pelas rochas, face ao mar. Cada um com as suas atribuições que garantem o brilho dos atos litúrgicos, onde "se não fossem os nevoeiros, mais os ventos ciclónicos e as chuvas da praxe, bem se poderia dizer que era um lugar paradisíaco"<sup>3</sup>.

O senhor Guarda, seu consultor e companheiro dos dias de folga, é mais um contributo para a amálgama do trivial com o sobrenatural, com a santidade: na pesca, nas conversas e nos silêncios, no jogo e na merenda de pão fresco com queijo da ilha e regavam tudo com vinho de cheiro. Depois, bebiam um cafezinho também de produção local e uma aguardente made in adega do senhor Guarda (sic) [que não vem em itálico pelo que Álamo sugere maliciosamente, como costuma, que já é nosso] com efeitos terapêuticos: aliviava dores de dentes, de barriga e resfriados; maltratava silêncios sem referência ou sem motivo; resolvia azares financeiros e pragas de burra peideira; curava amores com mau-olhado; secava borbulhas adolescentes e cornos imprevisíveis"<sup>4</sup>.

A graça não está na enumeração caótica até ao absurdo. Estará antes no exagero dos poderes de tal aguardente que, por diversos processos, curava tão variados males.

Por tudo o que ficou dito, a densidade humana das duas narrativas que se vão cruzando, a crueza da vida nas franjas de um Portugal recôndito, o bom sarcasmo que perdura desde obras anteriores, a crítica fundamentada na vanidade de crenças desumanas, estou com o Prof. Assis Brasil quando considera esta a obra-prima de Álamo Oliveira e a ele, um dos mais importantes escritores da língua comum de toda a lusitanidade [contracapa], num grande romance sobre a solidão.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Álamo Oliveira, Murmúrios com *vinho de missa*, Ponta Delgada, Letras Lavadas, 2013p. 116

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Idem, p. 93

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Idem, p. 98

### **REFERÊNCIAS**

Oliveira, Álamo, Contos com desconto, IAC, 1991
-----, Com perfume e com veneno, Lisboa, Salamandra, 1997
-----, Murmúrios com vinho de missa, Ponta Delgada, Letras Lavadas, 2013

4. J. CHRYS CHRYSTELLO, PRESIDENTE AICL, 19º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, MAIA 2013

### TEMA 5 HOMENAGEM A ÁLAMO OLIVEIRA /

Nestes colóquios já homenageamos FERNANDO AIRES, ONÉSIMO ALMEIDA, DIAS DE MELO, CRISTÓVÃO DE AGUIAR, DANIEL DE SÁ, VASCO PEREIRA DA COSTA, EDUÍNO DE JESUS, EMANUEL FÉLIX, EDUARDO BETTENCOURT PINTO entre outros escritores açorianos.

Desta vez chegou a altura de falarmos de ÁLAMO OLIVEIRA.

Quando fiz o Caderno de Estudos Açorianos que a ele era dedicado e quando traduzi excertos de algumas das suas obras algo ficou gravado para sempre na retina como a imagem mental que dele guardo.

Álamo é um artesão de palavras, poeta telúrico, eclética voz que se ergue do raminho na Ilha Terceira gritando a sua açorianidade literária, narrador de andanças por terras da Europa, Brasil e das Américas.

Victor Rui Dores, afirma que faz das "suas itinerâncias e peregrinações uma geografia afetiva de lugares, memórias e coisas, atravessadas por olhares, impressões, alusões, afetos e imagens, procurando na viagem não o destino mas a sua própria natureza".

Álamo é um autor fecundo que merece ser homenageado, lido, estudado e divulgado por esse mundo fora, não pode ficar contido na pequenez das nove ilhas, antes tem de ser lançado por esses mares fora, nas caravelas da sua escrita de velas enfunadas pela poesia, teatro, contos e romance sem esquecer essa excelente incursão na memória da guerra colonial que é a sua obra "Até hoje (memórias de cão)", uma constante alternância entre a dura realidade da guerra em 1967 e a saudade da ilha de origem do personagem João.

Nessa visão a ilha assume contornos de paraíso perdido na memória como um utópico lugar de referência. Ali, a memória serve como válvula de escape ou mecanismo de defesa contra a traumática selvajaria da guerra que nunca mais surgia, num suspense

que se alarga a seis capítulos que percorrem o concubinato entre a Igreja e o Estado Novo onde citamos "o silêncio é a força da virtude e a ignorância o progresso dos povos".

O próprio autor considera este livro a sua catarse sobre a guerra colonial, embora se sinta imensamente orgulhoso do livro "Já não gosto de chocolates," um dos seus títulos de maior apreço por parte dos leitores.

Álamo escreve desde tenra idade tendo sido publicado aos 14 ou 15 anos, e foi marcado pelos livros de contos infantis que a avó tinha além de as Pupilas do Senhor Reitor e a Cidade e as Serras que bem cedo o marcaram.

Embora goste muito de ficção, o teatro serve para se divertir e a poesia representa uma espécie de libertação.

Alguns dos seus livros foram traduzidos para inglês, francês, italiano, espanhol, croata, esloveno e japonês. Iremos tentar que entre os nossos associados romenos, russos e búlgaros alguém disponibilize tempo para ser também traduzido nessas línguas.

Vamberto Freitas explica assim o autor:

"Se a Natureza é uma realidade inescapável para a maioria dos escritores açorianos, dada a sua instabilidade e constantes manifestações de certos humores e cor, dada a nossa obsessão com o cerco do mar e as suas antigas ameaças de nos fechar do mundo, a poesia de Álamo Oliveira nunca acontece sem a presença do elemento humano centrado viva mas solitariamente, ou em estado apático e incerto no seu olhar fixado no longe e no inefável para além da junção do céu e mar, tentando adivinhar o que poderia ter sido um outro destino.

Quase toda a poesia açoriana parece um choro sem lágrimas, nunca acusatório, das saudades do futuro que nunca (nos) chega, as saudades das terras distantes para as quais inventamos as nossas próprias fantasias, e de onde depois lamentamos até à morte a nossa partida do torrão natal.

É o perpétuo ciclo existencial, a condenação dos náufragos e a libertação dos ilhéus navegantes." fim de citação

Deixem-me citar aqui um poema do autor hoje homenageado

### Mar com poeta dentro

o corpo da ilha não tem nome próprio de quem se rodeia de orvalhos antigos. quando navega não tem rumo nem destino. no cais a penumbra branca desce sobre a viagem adormecida.

desconhece-se que poeta foi ver o mar por dentro. mas sabe-se quem grafitou com sonhos os muros da solidão.

### (in) nove rumores do mar, antologia de poesia açoriana contemporânea

Falar de Álamo, escritor que tardiamente conheci criou um problema grave. Para escrever sobre cada um dos autores açorianos que já homenageamos tive de ir conhecer e visitar as suas ilhas, não só as autênticas, mas as imaginadas que acartam ao pescoço como colar de negro basalto, magma vivo de lava solidificada há muito.

Ora bem, não conheço a ilha Terceira nem o Raminho e por isso não me posso colocar nos locais que lhe são queridos e donde foi buscar a musa inspiradora para os seus inúmeros livros e peças teatrais.

Quando escrevo sobre os autores açorianos gosto de conhecer os caminhos trilhados, ver as casas que formaram a sua história de vida e as suas ruínas, olhar nos olhos os seus habitantes, fotografar as cores e memorizar os cheiros, para depois poder dissecar as palavras. Não tendo isso, a mera leitura dos seus escritos indica-me que não o conheço como queria para dele falar numa sessão onde o queremos homenagear.

Convém recordar que é um escritor prolífico e um autor eclético que se espraia por Teatro, Romance, Conto, Poesia, não se confinando aos estreitos limites de cada género antes dando razão aos apoiantes da teoria Gestalt ou psicologia da forma, que propugna que "não se pode ter conhecimento do todo por meio das suas partes, pois o todo é maior que a soma das suas partes". Segundo o critério da transponibilidade, independentemente dos elementos que compõem determinado objeto, a forma é que sobressai: as letras r, o, s, a não constituem apenas uma palavra em nossas mentes:

" (...) evocam a imagem da flor, seu cheiro e simbolismo - propriedades não exatamente relacionadas às letras.

Em "Já não gosto de chocolates" Álamo fala da forma como os descendentes de açorianos, e ele bem conhece as duas realidades dado ter familiares emigrados na América do Norte, são atraídos pelos festivais religiosos, passando horas nos seus carros (alegóricos ou não) com a mesma intensidade de sacrifício com que fariam uma procissão a pé, de forma a exaurir a "saudade".

Esse sentido de pertença das comunidades da diáspora perpetua-se em vídeos partilhados por familiares e amigos mesmo que separados pela geografia.

Por outro lado, essas comunidades envolvem as crianças e os jovens, desde tenra idade, para não perderem o seu sentido identitário dado estarem já integrados nas comunidades onde vivem.

A assustadora incerteza da vida nas ilhas sempre sob esconsas ameaças indefinidas não se deixa subverter pelos valores históricos, culturais e ideológicos da ilha onde nasceu, mas simultaneamente transmite uma universalidade que em muito transcende narrativas da diáspora californiana.

A sua narrativa intimista desce ao complexo mundo dos seus personagens, como disse Assis Brasil "deixam de ser emigrantes para se converterem em seres humanos"<sup>5</sup>.

Como Vamberto Freitas diz<sup>6</sup>

"...os Açores não são um espaço cultural anacrónico nem Álamo Oliveira é um elitista cultural fechado numa torre de marfim, muito menos um masoquista que trabalhe para castigo próprio ou por contemplação narcisista.

Acontece que ele, e todos nós com ele no arquipélago, estamos perfeitamente conscientes do que nos leva a fazer suplementos culturais: a força da tradição literária açoriana."

Fim de citação

A nostalgia do ser ilhéu atinge na sua lírica uma força centrípeta capaz de ultrapassar os espasmos telúricos que perpassam pela sua vasta obra, pejada de títulos curiosos como podem ler na autobiografia que selecionamos para publicar em ata deste colóquio.

Antes de terminar esta minha primeira abordagem à obra deste vate terceirense, cito-o, de novo em *lua de ganga* 

quando te via na ganga azul do teu fato embandeirava-me de ternura e propunha despir-te como se lua fosses ou nada

tocava com a ponta dos dedos o poema do teu corpo

era azul mas eu morria de medo

Como saborear o perfume da sua poesia e o sabor dos seus chocolates? Quando fiz o 5º Caderno de Estudos Açorianos que a ele era dedicado e quando traduzi excertos de algumas das suas obras algo ficou gravado para sempre na retina como a imagem mental que dele guardo.

Trata-se da sua interpretação soberba, diria magistral, de a *Treceira de Jasus* gravada sobre as ruínas do terrível terramoto que destruiu grande parte da cidade património da humanidade Angra do Heroísmo.

Pela musicalidade da peça que se entranha no ouvido e rapidamente nos damos conta de a cantarolar mesmo em sonhos, pela acerada crítica que as suas palavras encerram, e por entender que todas a deveriam ouvir e ver para dessa forma melhor interpretarem o autor aqui vos deixo essa sua representação.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via03/via03\_16.pdf

 $<sup>^6\,</sup>http://lusofonia.com.sapo.pt/acores/acorianidade\_freitas\_1998b.htm$ 

Creio que ao ouvi-lo teremos escolhido uma das melhores formas de o homenagearmos.

ver A traceira de jasus

abrii

http://www.youtube.com/watch?feature=player\_embedded&v=8Uh3wDVmkNk

5. KATHARINE F. BAKER, TRADUTORA, MONROEVILLE, PENSILVÂNIA – ORADORA, BOBBY J. CHAMBERLAIN, PH.D., UNIVERSIDADE DE PITTSBURGH, PENSILVÂNIA – COAUTOR, 19º COLÓQUIO DA LUSOFONIA MAIA 2013

## TEMA 4/TEMA 5 TRADUZIR OS POEMAS "BERKELEY" E "SÃO FRANCISCO" DE ÁLAMO OLIVEIRA,

Álamo Oliveira é um dos artistas açorianos mais aclamados e prolíficos romancistas, poeta, dramaturgo, letrista, ensaísta, orador, fundador-diretor teatral, pintor.

Muitas vezes Álamo viajou à Califórnia; na verdade, a maioria do seu romance *Já não gosto de chocolates* [1999] se realiza no "estado dourado", onde os protagonistas terceirenses se enraizaram.

Os poemas "berkeley" e "são francisco" do seu livro andanças de pedra e cal [2010] também foram inspirados pelas peregrinações do autor na Califórnia.

Álamo compôs "berkeley" [junho de 2002], homenagem à cidade universitária, logo depois de voltar à Terceira da Universidade da Califórnia em Berkeley, onde serviu naquela primavera como escritor residente no Departamento de Português.

Em "são francisco" [maio de 2001], Álamo evoca com toda a afeição muitos dos renomeados ex-líbris da "cidade pela baía".



Fig. 1: Capa, andanças de pedra e cal.1

Fig. 2: Reportagem, "Universidade de Berkeley [sic] é um mundo fascinante".2





Fig. 3: Reportagem, ""Impressões sobre uma experiência vivida na Universidade de Berkeley [sic]".3

### Impressões sobre uma experiência vivida na Universidade de Berkeley

Characterischede de Berdelies (Bataules Chaldes) e controlle also derborrhements de Portugada, O escritor perceivance permanences ala Califférnia Juria filias da sue cerette. Foi de entrar no sonnife de some day much prestigindus universidades des Extudor Cisidos.

I du Marcoa I Dde Abrillo o ee outermourance Alamo Rivers untermourance Alamo Rivers untermourance un commen-dade entudantil de Universidade de Bortudoy (Emados Unidos) para ficiar do sua stera finorir is Alamar Otivorino de carrinado nterior portuguis comidado nedarito de Programa de Enci-dos Portugueses do universi-dade calciminana para escluriori discider solve no textos do canabraditorinia seksoriona lespura and the downton.

O pento de partido no con-tacto com o escrito de Alamo Ofiscaco para de abanis do primoiro grando Portugudo foco rocesa" Estacarco da Relivia" do-lessa "Impressores de Boss"; emporto que es par Priguer-tare névela supodores tivoram-que analisar em capitulo do remence "In tido grato de de comis de Aluma Olivairas m



CORRECT ANNIANA AN ADVANTABLE OF REVISED PROSES OF THE PARTY FOR THE PARTY AND ADVANCED BY AN ADVANCED BY AND ADVANCED BY AND ADVANCED BY AN ADVANCED BY AND ADVANCED BY A

entenendade académies de choculatus"

Alano Giinsira participus

ata aclas em-que os teta tectas

tradio Giralia.

Tradio Giralia.

Instern mallimater entre ellege des l'actions ordine, deranne d'autre d'autre

A experiência com a Mundo universitàrio

durante um mét en Honoley. Alarms Oliverty deviace on

áreo da California.

O aumao à Uninomidade de Bertieley mão depende apenas das roma que codo alsam diferenças de memplicade e a - de escutaridade, porque só as furnacionica propartizacionen propinas custam 20 mil dófesos

Alden diese, rale hit issue parceptationa Universitate de Belaire. Talver par essi, tels aluce de origem aditiva constituta sus étimos seus a saddioperatura éde excluidas en virtulo desto como paren

protes do esto.

All acibis munica conseçues em Berkeley sates das neve da nesella, mas tal ralio quer discorque o dia para o aluese traba. nido a unu tors. Fam faser face de dispense

a savenidade, o da para engregas em part tomo como a cordinalo lino, limposo de calado on a servir propagion almostos. No decorrer dasculars, ermo-

No decesso descesso, o pro-fessor aprese tables a contria-que rei ser escalada, a respecti-va bibliagrafía e estabelece em prato- para un abasos apresen-tarios es una confesionentes. Timbri otti pretti que pret netodoprovocaración distilas sobre a matrio em estado, ne performer authorizations open 24 house per dia personal p

que un recursión primerous especies encarso descrividende de internacional de la compositación del compositación de la compositación del compositación de la compositación del compositación de la compositación de la compositación del compositación de la compositación del compositación de la compositación de la compositación del compositación de la compositación de la compositación de on applicative as favor people's iniciprivas pats morene a res - po cantrigio, porque rieda

que eigens dan veres un undistris con capacidade para

On alternis de Universaliste de Berkeley bles door beste pen dise[das 17 de 14] pass produces processors a favor de determina-

População orgulbosa

### Uma cidade que ama a sua universidade

A população de Berkelry, pro Berkelro, Alona Oliveira tem uma Spacio remar forta a minimizama Braquapoperum a movemballo, Autorida Portica a coda o primar de circim presente o specificira de la companio de composição de la companio de minimizama de companio de minimizama de companio de companio de la companio de companio de la companio del companio de la companio de la companio del companio de la companio del companio del companio de la companio de la companio de la companio del companio de la companio del c

todos, independencement de

todas, independenciere in a company de la co Popular de Berkeley ...

Appaiare as formerly

The programmer own as a universidable, nordwische Berkeley
Bestimmer mit versichen vans oanneermeelfheide in Annehen, mende
opinionen on als appain
de printerne on als appain
to belannen, name mende de 100 mil 
tolsbarren, name mende de 100 mil
tolsbarren, name mende de 100 mil
tolsbarren, name mende de

galandosados com o Perenie Naños. Considerado no Operano-tropolito de Antonio, Perlinio-torpolito de Antonio, Perlinio-torpolito de Indiano, Perlinio-cidado plada al cultado Indiano, para la socializar politica de Indiano, Perlinio-tados, indiapondimiento de Indiano, Perlinio-tados, indiapondimiento de Indiano, I

ingressionado pom apazaccial

terminados casuas promonegos vivem em Botudes enclasuacante.

Durante a sua portumifica a costi figada à un incresidado recus

say fiveness destaclantes use fi

no universidade e quese todo

DURHAM STUDIO THEATRE ALANO 4 PM DE OLIVEIRA

DESTRO 5 INSULAR

"Berkeley," traduzido por Katharine F. Baker e Bobby J. Chamberlain, Ph.D.

1. first the mythic space only imagined a certain desire almost sexual in its power. then the actual allure of something that flows through the shaded byways of the dream.

the oak bent over with age is now the solace of lovers and nothing is more universal than the university of love.

spring arrives. freedom is perpetually in bloom.

2. the campanile is a beacon of sound that aids compassless castaways. it is the hub from which all the disciplines emanate without which it is impossible to debate chomsky's biological linguistics or césar chávez' onomastic presence.

the campanile presides over the people's republic of berkeley and freedom is a cry that burns like the olympic torch of emotion.

oh how can you not walk along telegraph avenue with your unadorned joy waving like a flag.

june 2002

### "berkeley"4

1. primeiro o espaço mítico apenas adivinhado um certo desejo quase sexual de posse. depois o fascínio real de algo que escorre pelos atalhos assombrados do sonho.

o carvalho tombado pela idade é agora o conforto dos namorados e nada é mais universal que a universidade do amor.

começa a primavera. a liberdade está sempre em flor.

2. a campanila é um farol de som que ajuda os náufragos sem bússola. é o eixo de onde partem todas as ciências. sem ela não é possivel discutir a linguística biológica de chomski nem a presença onomástica de cesar chavez. a campanila é a presidente da república popular de berkeley e a liberdade um grito que arde como chama olímpica do afeto.

ah como não andar pela telegraph avenue com a nudez da alegria içada como bandeira.

junho, 2002

### Fig. 4: A cidade de San Francisco, com a Baía, a Ponte Golden Gate, e no fundo a Ilha de Alcatraz.<sup>5</sup>



"san francisco," traduzido por Katharine F. Baker e Bobby J. Chamberlain, Ph.D.

no one knows if san francisco likes hippies or not. it likes birds flowers in its hair

and its wolf brother. it carries tourists on cable cars and in chinatown sells smoky incense to ward off the smells the cocaine.

on the golden gate it sings make love not war and everyone believes alcatraz is a hotel for suicidal poets.

it is troubled that its temblors are san andreas' fault and that california is a desert overrun with people. the entire year is holy in san francisco and sometimes the pacific is not so very.

no one knows if it likes hippies or not. san francisco is more than a gay stigma abandoned in the sorrow of history.

may 2001

"são francisco"6

ninguém sabe se são francisco gosta de hippies

ou não.
gosta de pássaros de flores no cabelo
e do seu irmão lobo.
anda de elétrico com turistas
e no chinatown vende essências de fumo
para esconjurar os cheiros a cocaína.

canta na golden gate make love not war e todos acreditam que alcatraz é um hotel para poetas suicidas. cisma que os sismos são falhas de santo andré e que a califórnia é um deserto muito cheio de gente. todo o ano é santo em são francisco e por vezes o pacífico não é tanto. ninguém sabe se gosta de hippies ou não. são francisco é mais do que um estigma gay abandonado no desconforto da história.

maio, 2001

6. MARIA DO ROSÁRIO GIRÃO RIBEIRO DOS SANTOS / MANUEL JOSÉ SILVA, (UNIVERSIDADE DO MINHO, BRAGA, PORTUGAL) 19º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, MAIA 2013

### TEMA 5 HOMENAGEM A ÁLAMO OLIVEIRA - "O POETA DO BANCO VERDE"

Não é todos os dias que o leitor tropeça, à hora dos espetros, num banco verde estrategicamente sito num Pátio terceirense. Fosse ele vermelho ou castanho, aparentarse-ia, talvez, aos demais dos tempos idos, sem quaisquer traços específicos suscetíveis de o sobrelevarem. Pintado de verde, eis que se firma como um cronótopo, cristalizando espaços e tempos conducentes a uma dada criação romanesca cuja situação entrópica obsta à almejada publicação.

Neste vaivém espaciotemporal, correspondendo à antinomia ontologia-meontologia e desaguando na tríade romance-metarromance-antirromance, proliferam os duplos a nível das personagens (o Poeta de génio e o seu *alter ego*, modesto crítico literário), dos objetos (o leito do Poeta e o do seu amigo), dos lugares (a mítica Jericó e a Cidade desmistificada) e dos textos em devir (os fragmentos citacionais que enformam o *Pátio d'Alfândega, meia-noite*, em estado algo caótico, e o metatexto epónimo que, em nome da inteligibilidade, não deixa de proceder a piedosas supressões e a numerações vãs).

Nesta dialética do entre – visando, do ponto de vista da receção, a racionalização do irracional e a legibilidade do ilegível – perpassam linhas de debate e perspetivas hermenêuticas cuja relevância se torna irrefutável: para quê e porquê escrever se o que

parece inédito há muito o deixou de ser? Como contornar esses *topoi*, "poncifs" e estereótipos seculares que invadem, de modo persistente, a literatura de matriz insular? A que meios recorrer para conferir ao regionalismo de tipo localista a universalidade que o reconhecimento da obra impõe?

Sem descurar a crítica às entidades maiusculizadas (a começar pelo Intelectual da Cidade e a terminar no Conselho de Leitura, ambos primando pelo vazio epistemológico que a pura retórica se deleita a empolar), importa referir não só a alegoria da criação interartística (literatura, música e desenho), mas também a originalidade de um livro que se desfaz à medida que se vai fazendo e que, votado às chamas no *explicit*, se torna não o embrionário *Pátio d'Alfândega* do poeta do banco verde, mas o *Pátio d'Alfândega* de Álamo Oliveira, autor, entre outras obras, de *A Solidão da Casa do Regalo, Missa Terra Lavrada, Com Perfume e Veneno, Burra Preta com uma Lágrima* e *Já não gosto de chocolates*.

"Nenhuma ilha pode ser descoberta até ao fim, como nenhum romance pode ser escrito e lido em plenitude." (Álamo Oliveira, 1992: 146)

À imagem das várias cidades sobrepostas da Troia proto-histórica, hoje Hissarlik – das quais a mais legítima se afigura a Troia VII descoberta por Schliemann –, e do burgo antigo de Herculaneum que atualmente se justapõe à povoação italiana de Resina, também o romance *Pátio d'Alfândega meia-noite* se alicerça, englobando-os, em três subromances, mediante sucessivas escavações passíveis de exploração satisfatória dos seus escombros labirínticos. Se o primeiro tempo mais compassado, *adágio*, pressupõe, por questões de metodologia da execução, a sinopse do 'Livro total' e se o segundo, *allegro*, antirromance por excelência, corresponde à obra do Poeta Porreirinho, o terceiro andamento, *vivace*, incide sobre o metarromance ou, mais bem dito, sobre o romance do romancista a cargo do Patachão, desaguando o quarto, *presto*, no romance de Álamo Oliveira e identificando-se o quinto, *prestissimo*, com a conclusão.

## 1. PRIMEIRO ANDAMENTO MUSICAL, ADAGIO – "DESCOBRIR É RETIRAR A COBERTA E HÁ SEMPRE COBERTAS A RETIRAR" (1992: 145).

Aquando da morte do Poeta (falecido com um "romance na barriga"), logo seguida pelo suicídio de Rosa Cambadinha, Patachão decide homenagear a sua memória pela via da organização do texto legado, intitulado *Pátio d'Alfândega meia-noite*, conducente à sua eventual publicação. Encarcera-se, para cumprir a nobre tarefa, na casa do Poeta, sita à rua do Salinas, onde se afadiga a ordenar as desordenadas folhas manuscritas (cujo itinerário ele próprio havia alterado no momento em que as recolhera do corpo do falecido), a numerar as não poucas páginas avulsas, a encaixar uns nos outros os fragmentos dispersos e a insuflar a inteligibilidade possível ao caótico universo ficcional do qual se estatui sumo herdeiro.

Mau grado a sua resiliência exemplar tão mais louvável quanto parca é (ou parece ser...) a sua capacidade crítica, Patachão não renuncia ao esforço sisífico, atravessando períodos de desalento, mas resistindo à tentação de queimar o 'Livro' e realimentando a ilusão de o dar ao prelo, convicto que está da genialidade do Poeta do banco verde. Esta tortura de ordem literária, tão-somente contracarreada pelos sons roufenhos do violino que geme no Pátio terceirense e pela embriaguez intermitente que obnubila a memória e oblitera o presente, conhece o seu término quando o romance do Poeta é consecutivamente refutado pelo Conselho de Leitura da *Cidade*, pelo Intelectual da *Cidade* e pela nova Editora da *Cidade*, saturada de propostas submetidas pela panóplia dos novos Escritores da Cidade<sup>7</sup>.

Alertado para a mensagem que do além lhe envia o Poeta – por intermédio do morto-vivo Linschoten<sup>8</sup> –, segundo a qual o romance perfeito em mais não consiste do que em atirar as folhas ao ar, deixá-las cair e recolhê-las pela ordem com que tombaram, Patachão toma a decisão sagaz de publicar no fogo o desventurado e hieroglífico romance: " (segunda-feira. Em um jornal: *Por causa de papéis velhos. Ardeu um prédio na rua do Salinas. (...). Os bombeiros suspeitam de fogo posto). 'Ah, ah, ah!' – registo gráfico da gargalhada do Patachão.*" (1992: 147).

### SEGUNDO ANDAMENTO MUSICAL, ALLEGRO – O ANTIRROMANCE DO POETA PORREIRINHO.

"Já lá vão abril e maio..." (idem: 23)

Grafados entre aspas e tipograficamente indentados em colunas no corpo do romance, os fragmentos antirromanescos do Poeta abordam uma parafernália de temas que não parece despiciendo exarar, conquanto o seu epicentro se situe no Pátio d'Alfândega – "... todos os caminhos vão dar ao Pátio d'Alfândega" [e não a Roma (idem: 23-24)] –, abrilhantado de bancos verdes por recente imposição do Presidente da Câmara "ciente de que um povo bem sentado é meio caminho para cultivar a quietude da resignação" (idem: 75).

Tendo por *incipit* a indicação temporal "*Já lá vão abril e maio*" (*idem*: 25), o sujeito escrevente, Porreirinho de cognome, pinta Jericó, cidade fóssil fatiada em distintos substratos espaciotemporais, provinciana e viciada, capital do cosmopolitismo de antanho, entrementes destruída e, doravante, em vias de construção.

A propósito ou a despropósito (conquanto o encadeamento lógico não seja tão aleatório quanto o possa revelar uma primeira e superficial leitura), revisita a guerra do cimento, o assassínio do Puto, chantagista incipiente e testemunha ocular das cargas subtraídas ou desviadas, o encontro com Linschooten, "caixeiro-viajante da eternidade",

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Ver, a este respeito, a novela "Livraria meu amor" na qual entram em cena várias entidades abstratamente maiusculizadas como, por exemplo, o "Ensaísta Gabardine Verde Seco", o "Romancista de Matiz Regional" e o "Escritor Último Romântico". Ver, igualmente, a novela seguinte, intitulada "O maior livro das ilhas" e protagonizada por um "Autor de inteligência invulgar" (Oliveira, 1997: 109-122).

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> Escrevemos Linschooten quando citamos a obra já que o nome foi assim grafado pelo Autor: "Diga Linschooten. À portuguesa. Por mim prefiro. /" (Oliveira, 1992: 99).

o "quadrado perfeito" sinónimo de círculo de amigos ao qual pertencem o próprio Poeta, o mercador quinhentista, a Rosa Cambadinha e o Patachão, e as estórias contadas pelo holandês relativas à Cidade quingentésima.

De assinalar, nesta conjuntura temporalmente ambígua que tanto recua a Quinhentos como ruma à atualidade, a relação sexual de Linschooten com a Menina dos Papos d'Anjo, os seus desenhos de precisão transparente<sup>9</sup> que um rolo de cinco séculos vai desenrolando e a ascensão e queda da Jericó bíblica, traduzidas, por um lado, pela beleza ancestral e pelos cheiros inolvidáveis e, por outro, pelo 'apocalipse' que as trombetas do arauto Josué anunciam.

Para além de certas incursões obscuras, porque heteronímicas, pela poesia e de algumas excrescências textuais, deslocadas do conjunto como o bizarro episódio do musgo, o Poeta que sempre defrontara a Cidade do anátema (*idem*: 77), da qual se salvavam apenas o Pátio d'Alfândega<sup>10</sup>, o Café Atlântico e o porventura filipino banco verde, alvo de original ekphrasis<sup>11</sup>, remata o seu antirromance de forma tão insólita quanto o fora o seu início: "Linschooten, meu amigo, quer vender-me as suas botas? // A um poeta, como tu, todas as botas são desnecessárias. / E riu em holandês." (idem: 140).

### TERCEIRO ANDAMENTO MUSICAL, VIVACE – O METARROMANCE DO PATACHÃO.

"Parecia de propósito todo aquele maremoto de contradições e incongruências." (idem: 82)

Saudoso do poeta amigo ao qual, junto da urna, ordenara, sem êxito algum, "Levanta-te" e orgulhoso por figurar num romance tocado pela genialidade, Patachão, imbuído de um "feroz realismo" (*idem*: 17), dedica-se pelo verão dentro à ecdótica, zangado com a Cidade inominada que não merece o falecido: "*Paralelamente, optou [o Patachão] por viver com a noite e o vinho e não pactuar com a Cidade. (...). Reconhece que está zangado com a Cidade.*" (*idem*: 30-40).

A primeira etapa passa pelo inventário do anfiguri (com efeito, das 226 folhas manuscritas só 109 se encontram numeradas), pela reconstrução lógica do puzzle enigmático, pela inserção no todo babélico das páginas espúrias e pela decifração quer da confusão caligráfica (que pouco tem de caligrafia...), quer da persistência gráfica do nome da Rosa Cambadinha.

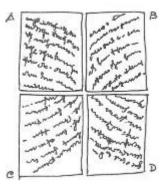


Figura 1 - Álamo Oliveira, 1992: 28

Numa fase segunda, o romance caótico solta-se na cabeça deste frequentador do banco verde e tocador de violino, rendido à tentação onírica, sob efeitos báquicos, e à volúpia da viagem pela memória a tempos idos: é do seu ponto de vista, em verdade se diga, que o leitor penetra na interioridade do Porreirinho e de seus progenitores e na privacidade da malograda Rosa Cambadinha, desvendando a animosidade do Patachão para com Linschooten, o repentino distanciamento amoroso do Poeta em relação à Rosa (que transforma o "quadrado perfeito" em triângulo 'cambado') e na falsa certeza que nutre esta última de o seu parceiro andar a dormir com o "maricas do Linxote" (adaptação linguística curiosa, de cariz popular, do nome do holandês).

O terceiro momento é decisivo para o Patachão que, nunca desmentindo o halo de genialidade do Poeta – e a obra genial, segundo Kant, é um exemplo não para ser imitado, mas para fazer nascer outro génio (apud Picon, 1972) –, ganha em presciência e clarividência o que o autor perdera em isotopia e isotonia. "Nemesiano terceirense", começa a censurar os anacronismos detetáveis na cronologia interna do romance ou, por outras palavras, a sua acracia cronológica, a delatar a exacerbada tonalidade moralizadora, a verberar o excesso de poder do demiurgo distraído e a reprovar (não excluindo o seu trabalho incipiente desta desaprovação) a falta de sequencialização de ideias e de concatenação de episódios.

Não passará a solução para tal entropia pela supressão de certas passagens de maior grau de ininteligibilidade e pela destruição de determinadas folhas no sentido de conquistar uma legibilidade mais democrática? Cônscio da maldição da obra que gravita em torno de uma Cidade inexistente habitada por um morto-vivo e por defuntos, Patachão medita não só sobre a "alegoria angustiante" que constitui o *Pátio d'Alfândega*, mas também sobre a captação do essencial (e não do florilégio de acessórios) e o apuramento da verdade (e não da supremacia de fantasia) de que padece, por carência, o romance do

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> A hipotipose, fixando numa representação visual de grande intensidade o movimento linear da leitura, parece ser a figura de eleição de Álamo Oliveira: "E tudo de forma tão transparente, que eu vejo a casa levantada, com suas janelas e varandas, portas, águas-furtadas, e o interior como que radiografado, porque vejo as mesas com suas toalhas de linho bordado, aparadores com seus naperons de filó, (...) a faia no quintal, a figueira, (...) as hortaliças, o tanque, galinhas com aspecto de boas poedeiras..." (Oliveira, 1992: 105).

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Também Marcolino Candeias homenageia o Cais d'Alfândega em "Ode a Angra minha cidade em tom de elegia": "Ficas-te [Angra] / pelo Cais da Alfândega. Lá cabe / todo o teu universo." (2002: 29-30-31).

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> "Reparando bem e para ser mais exato, talvez o banco não usasse guarda-chuva, nem uma flor silvestre se reclinasse pachorrentamente para a direita. Por amor à verdade (...) prefiro desde já informar que, por outro ângulo de visão, é possível ver um caracol seco, colado à perna das costas e que definhou numa subida lenta e sem destino." (1992: 76).

romancista. E, ao ver o belo amanhecer, recolhe o Patachão, esgotado pela vanidade do seu suplício intelectual, ao banco verde: "Ali. No banco verde. No Pátio d'Alfândega." (idem: 143).

### 4. QUARTO ANDAMENTO MUSICAL, PRESTO — O ROMANCE DE ÁLAMO OLIVEIRA.

"Porque há o erro essencial de toda e qualquer escrita, que é a miopia das palavras quando espalhadas na memória, com o vento a voar-lhes as pequeninas letras do sangue." (idem: 145).

Recorrendo ao *topos* estratégico do manuscrito – do qual se reclama a pseudotradução ou a pseudoedição – diversamente explorado na literatura (ou introduzido em garrafa a vogar no alto mar ou achado numa gaveta falsa de um qualquer armário antigo), Álamo Oliveira concilia, de modo assaz original, o antirromance nado e morto na barriga do Poeta e o metarromance morto-vivo do Patachão, graças a um jogo de espelhos, de heterónimos, de duplos, de ecos, de ressonâncias, de paralelismos e de simetrias.

Ora, não será todo e qualquer escritor um criador, como o Porreirinho, e um crítico como o Patachão, respondendo em eco heteronímico este último aumentativo (ão) ao primeiro diminutivo (inho)? E não se identificarão, na terminologia de Nietzche, o Porreirinho e o Patachão com os artistas ditirâmbicos, em busca do ser, da permanência e da eternização? Se a causa mortis do Poeta foi o "parto não consumado por asfixia introintelectual", teme o Patachão o seu eventual passamento pelas mesmas razões, porquanto, embora nem tudo se sobreponha, "cada romance era o espelho do outro" (idem: 47) e "a responsabilidade do Patachão estava já nos domínios da coautoria." (idem: 123). Aliás, o explicit deste falacioso duplo romance desemboca, quiçá para ludibriar o leitor incauto e/ou para atestar a leitura aceitável, no riso de Linschooten em holandês e na gargalhada portuguesa do Patachão.

Do mesmo modo, a gravidez metafórica<sup>12</sup> do Poeta dá a sensação de repercutir tanto a sorte da Rosária que, grávida do Zé Lagosta e expulsa pelo pai, comete suicídio, como a da Rosa que, prenhe de um cabo especialista da força aérea americana e atirada pela pouco paternal figura para fora de Penates, fica para todo o sempre a "arrastar a perna esquerda que a deixou cambada no corpo e no nome" (*idem*: 57) – paralelamente ao Patachão, declarado inválido devido ao "mal de coluna" –, acabando, desgostada pela morte do Poeta, por suicidar-se.

Situação simétrica análoga pode ser detetada a nível de relações amorosas: de facto, o ato homossexual do Puto e do Graciosa replica o ato heterossexual entre o Poeta e a Rosa, bem como entre o Patachão que possui a Alzira tal como o mar penetra na *insula*.

Nesta ordem de ideias, os objetos, particularmente as camas, portadoras de um 'cartão de cidadão' contendo os dados biográficos minimamente obrigatórios, parecem afirmar-se como duplos, menos por afinidade do que por contraste. Assim é que a cama de acácia da dona Teresinha do Menino Jesus, comprada pelo Poeta, por ele descrita em breves nótulas e desenhada pelo artista gráfico Álamo Oliveira, parece não reproduzir, mas, antes, situar-se nos antípodas daqueloutra "roubada na tropa" pelo Patachão (*idem*: 50-51).

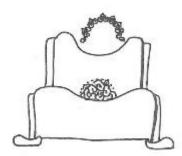


Figura 2 - Álamo Oliveira, 1992: 51

Neste labirinto tecido de efeitos de especularidade e transverberação, as personagens, não sujeitas, no momento da sua entrada em cena, a uma caraterização mais ou menos definitiva (específica do romance oitocentista), vão sendo paulatinamente desenroupadas: prova flagrante desta técnica narrativa é a amante de Linschooten, hipocoristicamente designada por Menina dos Papos d'Anjo, que é também a professa Maria da Purificação Perpétua e corresponde, igualmente, a Lianor Machado Bittancourt.



Figura 3 – Álamo Oliveira, 1992: 117

Os paralelismos estão longe, todavia, de exaurimento: é o caso da ilusão inicial do Patachão (no momento de entrega do romance do Porreirinho ao Conselho de Leitura) que se reacende na sua derradeira euforia (ao enviar a mesma obra para a editora recémcriada); ainda neste contexto, o nevoeiro tanto desce, plúmbeo, sobre a Cidade como agride, invasor, a memória do Patachão; por seu turno, surge a solidão da noite não só

criaturinha larval sob mecânica puramente física, não tem paralelo com a explosão luminosa que uma simples deflagração mental é capaz de provocar." (idem: 33).

<sup>12</sup> Esta gravidez metafórica dá a sensação de se prolongar naqueloutra, tida por irrisória, do Intelectual da Cidade: "Não são comparáveis estas dores com as da parturiente. Mais nobres, as minhas. Deitar ao mundo uma

como refúgio de Linschooten, impossibilitado de exposição à luz solar, mas também da tríade Poeta, Rosa e Puto, refratários às gentes insulanas e exilados numa franja intemporal de cariz mítico. E como explicar (não a quase simultaneidade do passamento da Rosa e do Poeta, por motivos já devidamente explanados) o facto de as supracitadas personagens terem falecido viradas para o oriente?

As simetrias e justaposições de espaços e tempos tornam-se tão mais óbvias quanto transparente se antolha o reconhecimento dos cronótopos. No *Pátio d'Alfândega* do Poeta Porreirinho, os eventos, se os há, decorrem em Jericó, uma Jericó paradigmática, súmula simbólica das várias cidades epónimas fustigadas pelo anátema de Josué: a cidade cananeia, sita numa colina e cercada de muralhas, destruída, devido à sua impiedade e arrogância, por Oseias, líder de Israel e sucessor do profeta Moisés; a cidade reconstruída pelo israelita Hiel, morador de Betel, que, ignorando a advertência de Deus, reedificou o burgo esconjurado, lançando os alicerces à custa da vida do seu primogénito, Abirão, e instalando as portas a expensas da vida do seu filho mais novo Segube; a cidade de Herodes Magno, que lhe havia sido vendida por Cleópatra, célebre pelos seus teatros, jardins e palácios, exaltada pelo seu oásis de palmeiras, sicómoros e bálsamo e conhecida por ser o ponto de encontro dos peregrinos judeus que rumavam a Jerusalém; enfim, a cidade às portas da qual Jesus curou um cego, segundo os Evangelhos de S. Marcos e de S. Lucas, e dois cegos, segundo o Evangelho de S. Mateus.

Quanto ao *Pátio d'Alfândega* de que o Patachão é coautor, a Cidade sem nome, portadora muito embora do "peso mortal da História" (*idem*: 39) e excomungada (como o fora a Jericó bíblica...), por um sismo em 1980, é trazida à memória, em todo o seu esplendor de mil e quinhentos/mil e seiscentos, por Linschoten (Jay Huygen van Linschoten, autor do *Itinerário*, datado de 1596, verdadeira enciclopédia do mundo da Índia portuguesa), explorador neerlandês que, tendo partido de Goa em 1589, interrompeu a viagem nos Açores, no seguimento da perseguição por galeões corsários ingleses, permaneceu dois anos em Angra<sup>13</sup>, com o intuito de contabilizar as riquezas recuperadas no galeão naufragado, e dela parece ter elaborado (já que esta autoria é controversa) um mapa detalhado que constitui uma das mais antigas representações da Capital da Terceira.



Figura nº 4 – Mapa controversamente atribuído a Linschoten: "A cidade de Angra na Ilha de IESU XPO da Terceira que esta [sic] em 30 grãos."

Sendo a Cidade, como Jericó, "um amontoado de casas debruçadas à beira das ruas e acomodadas aos acidentes do terreno" (idem: 24) e identificando-se os seus dias de São Vapor com os dias de ancoradouro do modelo ou, talvez, antimodelo bíblico, de ambos emanando uma "babel de linguajares", fácil se torna concluir, quebrando a beleza da construção alegórica, que Jericó e a Cidade, vítimas de não poucas mudanças toponímicas e topográficas ditadas pelo esconjuro divino e pelo estertor da terra 14, se aglutinam "Na Ilha. Em Jericó." (idem: 124), na "Jericó de ilha e cidade de ilhas" (idem: 25), ou, por outras palavras, numa Angra do Heroísmo animizada que "respira um sossego abafado e acordado" (idem: 38).

No entre a destruição, a reconstrução 15 e o pânico de nova exterminação, também o Pátio d'Alfândega, atual repositório de gentis fantasmas, espelha visionariamente o largo de tempos idos 16, quando, em dias de atracação do paquete na baía (o *Lima* ou o *Carvalho de Araújo*?), se transmutava em "confortável sala de visitas" (*idem*: 41), tendo como mobiliário a esplanada do Café Atlântico 17, cujo frenesim durava até à meia-noite, hora em que o navio se afastava da ilha. Vale a pena citar um fragmento desta hipotipose: "Na esplanada do Pátio d'Alfândega, repleta de mesas e cadeiras de vimes, os empregados (...) *chegavam, de casacas engomadas de branco como a camisa e as luvas, as calças festadas de preto como o laço, cheios de salamaleques, vénias, vossa excelência, tudo à boa antiga portuguesa. 'Um café, um chá!' / 'E, Vossa Excelência, com maiúscula, o que toma?' / Um chá e bolos!" 18 (idem: 41).* 

topónimos desaparecidos e/ou remodelados: a rua do Castelinho, a rua Baixinha, a rua do Príncipe, o cais das Pipas e a fábrica Vergílio Lory.

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> A capital da Terceira não deixa de ser revisitada por Vasco Pereira da Costa: "É a *mui nobre leal e sempre constante* cidade de Angra do Heroísmo (...) uma cidade espartilhada entre mar e mar, com dois castelos a estrangulá-la (...) A angra sufoca a cidade." (1984: 39-42).

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> É interessante a pseudo-profecia de cariz bíblico relativa ao sismo terceirense: "Amanhã será o dia dos grandes sinais. Todos poderão sentir o estertor colossal da terra..." (idem: 136).

<sup>&</sup>lt;sup>15</sup> Esta reconstrução preenche os desígnios nostálgicos do Autor no tocante à reconstituição visual da imagem antiga (mediante o recurso aos dêiticos espaciais) a partir das 'ruínas' confrangedoras do presente: "Era ali o Sprital e a ribeira dos moinhos. Aqui ficava a alfândega mais baixa e mais simples e não menos reles do que esta. Acolá o cais, com seu chamariz e portas." (*idem*: 139-140). É o momento ideal para invocar e evocar

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> "Confunde-o [ao Patachão] a memória de um outro Pátio d'Alfândega," (idem: 40).

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> Para o Patachão, o romance do Porreirinho "não será o melhor do mundo, do país, das ilhas, da ilha, da Cidade. É, de forma indubitável, o melhor romance do Café Atlântico." (*idem*: 132).

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> Também Victor Rui Dores recorda com saudade o Café Atlântico: "Os empregados do Café Atlântico, de casaca, luvas e papillon, aviavam, para a esplanada, cafezinhos e conhaques em cálices do tamanho de um dedal... As senhoras da cidade, muito reluzentes nos seus vestidos de tafetá debroados [sic] a rendas de seda e algumas lantejolas [sic], bebericavam chá e comiam bolos e bolacha araruta..." (Tribuna Portuguesa, 2009: 5).

Na sequência deste quadro descritivo tão vivo e animado que incita à visualização, urge enfatizar a técnica narratológica, não raro explicitada pelo Autor — "... a seu tempo, se dirá." (*idem*: 58) —, que consiste na apresentação tardia de uma dada personagem ou no preenchimento posteriormente moroso de um certo vazio textual, emprestando ao romance em exegese um caráter algo misterioso que prende a atenção de quem gosta de puxar "fios à meada" (*idem*: 14).

Exemplos dilucidativos são, sem sombra de dúvida, quer a designação postergada do verdadeiro nome do Porreirinho, cuja genealogia aristocrática é alvo de paródia – "Inácio Delfim Rodrigues Sampaio, filho de Margarida Maria de Meneses (com z) e Rodrigues e de Deodato Luís da Corte Sentida e Sampaio" –, quer o adiamento de qualquer tipo de informação sobre Linschoten, externamente focalizado pelo Poeta: "... Linschooten, por enquanto, de pouco ou nada serve. (...). Está sentado no banco verde, com o ar parado da eternidade, (...) é um vulto estrangeiro, de anos corridos há muito..." (idem: 58-94-95).

Afinal, falar do Pátio d'Alfândega, 'enquadrado' pelo Monte Brasil<sup>19</sup>, antigo cais onde, na era de Quinhentos, Álvaro Martins Homem procedeu a pertinentes trabalhos de remodelação, implica também escrever sobra a *insula* e insularidade<sup>20</sup>, vergastadas pela sátira, pelo pastiche, pela caricatura e pelo cómico<sup>21</sup>: "Desde a primeira folha, o leitor é obrigado a saber que tudo se passa numa ilha..." (idem: 23).

Ora, na mundividência insular de Álamo Oliveira impõe-se, pela sua recorrência, a sátira social, abarcando o provincianismo atávico da Cidade (*idem*: 10), o inferno da sua curiosidade e indiferença em simultâneo (*idem*: 11, 14), a hipocrisia inconfessa dos agentes da autoridade (*idem*: 68), a imunidade corrupta dos grandes senhores (*idem*: 69) e a ilegibilidade apressada com que o delegado de saúde assina, perentório, a certidão de óbito do Porreirinho (*idem*: 9, 12).

São, igualmente, açoitados os membros do Conselho de Leitura, cujos vereditos aligeirados contraditam o estatuto honorífico do cargo, o Intelectual da Cidade, símbolo caricatural de uma vã supremacia a supurar altivez e a nova editora, de imediato saturada aquando da sua inauguração, posto que "Já não se compram livros. Compram-se edições." (idem: 135).

Realce-se, no primeiro caso, o pastiche académico e deliciosamente cómico do discurso oficial justificativo de recusa, para efeitos de publicação, do romance do Poeta:

¹º É, também, o Monte Brasil que serve de 'enquadramento' ao ato único de A Solidão da Casa do Regalo (Prémio 'Almeida Garrett" – Direção Regional da Cultura / 1999 – Açores): "Monte Brasil (Angra do Heroísmo). Voltada para a baía, a casa é um regalo para os olhos. Menos para D. Afonso – o VI –, exilado e espoliado da esposa e do reino." (Oliveira, 2000: 7).

"Frágil estrutura narrativa, desfasamento do contexto no texto, abordagem impossível sob o rigor analítico da semiótica, falta de caraterização dos agentes ativos, infantilismo verbal, sem imaginário nem contenção das vertentes estéticas." (*idem*: 20)<sup>22</sup>. Assinale-se, na segunda situação, a solenidade patética do Intelectual, vítima de uma doença "geniática" conhecida por genialidade <sup>23</sup>, assaltado por enxaquecas advindas da Inteligência hiperbolizada e obcecado pelo *opus magnum* e titânico do seu laurícomo itinerário existencial, a saber o estudo denodado do "isolamento do vírus na poesia anteriana" que ele dividira em três setores – o temperamental, o fonético e o semântico – e estratificara cada um dos setores por um sistema analítico da sua lavra, cuja patente registaria em momento oportuno. [...]

Com este sistema é possível saber, por exemplo, que o soneto Na Mão de Deus sofre um desvio de personalidade imagética quando o cavaleiro se identifica." (*idem*: 34). Nasce o cómico, neste duplo contexto de paródia do eruditismo oco, a partir da reação do Patachão quer à sentença do Conselho de Leitura, que ele "não entende nem quer saber" por considerar um "arrazoado" (*idem*: 20, quer à refutação por parte do Intelectual, guloso de "documentos inéditos", desse conjunto de generalidades antirromanescas com que rotula *Pátio d'Alfândega*: "O *Patachão suplicava a si próprio para sair daquela mão de Deus, enquanto o Intelectual da Cidade continuava a perorar sobre a importância dos fungos no comportamento dos ilhéus, (...) Às primeiras folhas, o Intelectual franziu o nariz, (...) Nem vinte reescritas farão deste material um texto minimamente romanesco." (idem: 34-35).* 

Também os vorazes críticos e hipercríticos não são poupados por este agente lucidamente infecioso ("fungo") que ataca exageros individuais passíveis de contaminação de uma coletividade passiva ou, por outras palavras, de uma rebanhada um tanto ou quanto subserviente: "Os ensaístas apressar-se-iam a estudar toda a obra do Poeta Porreirinho, desvendando os mistérios da sua escrita, a unção da temática e inventariam intenções expressas nas entrelinhas, (...) Os hipercríticos, invejosos de mão cheia, não deixavam de afirmar à boca pequena que o Intelectual debitava asneiras sobre asneiras e que ninguém ousava contestá-lo – a não ser eles, claro." (idem: 30).

Neste enclave de jargão de academia, de bordões de linguagem ou clichés linguísticos e de estafados estereótipos surge de novo em palco a crítica no que respeita ao lirismo barato, tão mais gratuito quanto carecendo de lógica: de facto, qual a razão de escrever "a cândida humildade da rapariga descalça. De loiras tranças" ou "gosto de acordar de manhã com o guinchar do porco" quando, parafraseando o Autor, a loura jovem

rabiscados, sujos, rotos, mesmo pobrezinhos de pedir, comparados com uma obra de dois metros de estante só no comprimento e de altura não revelada," (*idem*: 35). Na primeira asserção, banaliza-se o caráter trágico da morte em proveito da carestia do aparato *post mortem*; na segunda, hiperboliza-se a obra de arte, que, desta feita, ganha foros de exagerada mensurabilidade.

<sup>&</sup>lt;sup>20</sup> Esta insularidade, ritualizada numa missa em que sublime e profano se fundem, atravessa *Missa Terra Lavrada*, "libreto de 'missa'" e "ilhanização da Missa", como escreve o Autor na nota preliminar da supracitada obra teatral (1984: 23). Ver, ainda a respeito do insulamento, *Burra Preta com uma lágrima*: "Burra Preta não foi exceção. Para além do destino, aceitou também a insularidade com a mesma humana e decantada filosofia com que mastigava a sua ração de palha. (...) O insulamento tem malefícios esquisitos." (1995: 25-67).

<sup>&</sup>lt;sup>21</sup> Outros exemplos de cómico podem ser apresentados: "A morte está cada vez mais cara. (...) ninguém gosta de morrer de véspera," (*idem*: 12-13); "O que podem valer estes papelinhos [antirromance do Porreirinho],

<sup>&</sup>lt;sup>22</sup> Do mesmo modo, segundo o Patachão, "Era outono e logo era primavera. O Puto morre e segue vivo. Linschooten intervém ainda antes de chegar. Rosa parece contradizer o seu sacrifício esfriando o amor com que animou os melhores dias da vida." (*idem*: 82). Não corresponderá esta lucidez oracular do Patachão a uma voluntária autocrítica autorial?

<sup>&</sup>lt;sup>23</sup> Outro paralelismo a assinalar consiste na genialidade autoproclamada pelo Intelectual da Cidade e na genialidade do Poeta que o Patachão não cessa de reconhecer e propalar.

luta pela sobrevivência e o inditoso porco está a agonizar? (idem: 19). Não será esta a pecha da literatura de matriz insular ou, por outras palavras, de uma geração que se deleita a glosar "o mar azul, a lua cheia, a ilha verde e o pôr-do-sol, o barco no horizonte, adeus amigo, adeus, ó mãe!, meu amor, eu amo-te, tudo em rimas de ar e vento a que nem o alguidar escapava."? (idem: 119). E não serão esses sempiternos "poncifs" que o Poeta Porreirinho intenta contrariar graças ao seu estro afeiçoado ao implícito e ao fragmento?

### 5. QUINTO ANDAMENTO MUSICAL, PRESTISSIMO – CONCLUSÃO: A REINVENÇÃO DA LITERATURA.

Se outras questões o romance *Pátio d'Alfândega meia-noite* não levantasse, quatro, pelo menos, não deixaria de suscitar: em primeiro lugar, a identificação das razões que conduzem ao ato de escrita e ao ofício de escritor. Porquê, para quê e para quem escrever se, afinal, já tudo foi dito, reescrito e transcrito? – "...havia o Camões que era o mestre da Língua, o Vicente dos autos e das farsas, o Eça da imoralidade romanesca, o Pessoa da arca mais milagrosa que a do ilusionista, o Nemésio da açorianidade" (*idem*: 142)<sup>24</sup>.

Não poderia tal excesso de plenitude consagrada ser escamoteado mediante a técnica de junção de patamares metafóricos esboçando uma alegoria de criação traduzida por essa "manta de retalhos mal cosidos e mal rimados"? (*ibidem*). Em segundo lugar, e defluindo do primeiro item, a perspetiva interartística, firmando a correspondência das artes, pode constituir trampolim eficaz para o ineditismo almejado, através de uma abordagem semiótica que concebe os produtos de todas as manifestações artísticas como textos passíveis de leitura. Quanto a estes últimos, eles podem tripartir-se em textos *multimedia* (combinando textos separadamente coerentes e compostos em *media* diferentes), "mixed-media" (conciliando signos complexos insuscetíveis de se tornarem autossuficientes fora do contexto inicial) e *intermedia* (recorrendo a dois ou a mais sistemas de *media*, surgindo inseparáveis os aspetos visuais, verbais, cinéticos e performativos dos seus signos) (Clüver, 2001: 333-359).

Atente-se, a respeito desta multimedialidade, na osmose entre literatura, música, dança e desenho: assim sendo, senta-se o Patachão no banco verde, tendo "De um lado, o romance. Do outro, o violino." ou, mercê de um feliz quiasmo, "De um lado, o violino. Do outro, o romance." (*idem*: 36-37). Do mesmo modo, e num 'entremez' curioso, aos primeiros acordes tangidos no violino responde o meneio de ancas do Graciosa, de modo tal que o "Patachão já não sabe se é a sua música que inspira aquele imprevisível bailado ou se este é que provoca aquela música inadivinhável." (*idem*: 37). Quanto aos desenhos inseridos no romance, configurando um texto outro, não-verbal, eles mais não corroboram do que a sua própria ambiguidade ocultada por uma certa "naïveté" falaciosa: contemple-

se, a título de exemplo, a parte central da cama do Porreirinho, o hábito lavrado da religiosa e o desenho universal do Chiquinho...



Figura 5 - Álamo Oliveira, 1992: 146

Enfatize-se, em terceiro lugar, a controvérsia, redundando por vezes na contenda sectária, em torno do regionalismo e da universalidade, da "minusculidade" espacial e do nacionalismo 'continental': "Que interessa à árvore da literatura nacional um romance que gira à volta do eixo somítico da pequena cidade da ilha do tamanho duma caganita de coelho, perdida no meio do mar, com um povo de linguajar diferente e sumido de velho?" (idem: 21).

Contra-argumentando tal asserção (conquanto tais argumentos não tenham cabimento no âmbito deste texto), não será a súmula de regionalismos a conferir à literatura nacional um interesse universal? No caso contrário, e prosseguindo com a metáfora da árvore, não ficaria a nacionalista árvore literária, carente de ramificações típicas, rebentos idiossincráticos e florações particulares, algo rarefeita, mornamente estandardizada e confrangedoramente exaurida? Leia-se, a este propósito, Borges Garcia: "Uma autêntica Literatura Açoriana será regional pelo *ambiente* e pela *forma* (...) e universal pelo *sentido*, pelo ângulo de visão do escritor." (Dias, 1953: 17).

Em quarto e último lugar, quedemo-nos na 'catalogação' possível de *Pátio d'Alfândega meia-noite*, cujo titular indício horário encontra plena justificação no desfecho do romance, reforçando destarte a sua rigorosa arquitetura: "O mar, na baía, mexe-se com a volúpia das grandes preguiças. O céu está baixo e húmido. Ainda não é meia-noite no Pátio d'Alfândega. Nenhuma brisa. Ninguém. Silêncio." (Oliveira, 1992: 146).

Romance sobre a arte de romancear ou, mais bem-dito, sobre como fazer um romance, ele é, sobremaneira, o romance da nostalgia: nostalgia do que outrora existiu e deixou de ser agora; nostalgia dos entes que por lá andavam e aí não mais repousam (veja-se o caso de Leôncio que, segundo testemunho de Victor Rui Dores<sup>25</sup>, não é um "ser de papel" ...); nostalgia de um tempo transato, cujo paradigma era o ritual do chá hoje perdido, e de uma vida de tempos idos, bem distintos da dos tempos que correm. Cristalizando tempos e espaços e atravessando séculos, como o Judeu Errante, o banco verde imortal, não acéfalo, mas pluricéfalo, inquestionável protagonista do romance, tornase um cronótopo mítico, estrategicamente iluminado e coreografado.

<sup>&</sup>lt;sup>24</sup> Não deixaria de ser interessante explorar as referências intertextuais que perpassam no romance, sobretudo as que não se encontram explícitas: "Mas isso é a voz da perversidade, a voz dos que não sabem como se ama ou de como é possível amar o monstro que se pariu. Decididamente não leram Gomes Leal." (*idem*: 40). Trata-se do célebre poema "A Duquesa de Brabante", imortalizado pela voz de João Villaret – cujo centenário de nascimento tem sido alvo de algumas comemorações (2013).

<sup>&</sup>lt;sup>25</sup> "O Pátio da Alfandega tinha as suas figuras decorativas. Recordo-me especialmente do Leôncio, boémio, vago anarquista e 'filósofo da rua', que demonstrava a sua superior inteligência, desafiando-nos: - Eu digo-te à primeira, mas tu só percebes à segunda." (*Tribuna Portuguesa*, 2009: 5).

"Para o Poeta, tudo partia e chegava àquele banco imperecível, como se estivesse pintado de íman ou como se uma recôndita fatalidade o tivesse vocacionado para o exercício do movimento pendular dos pensamentos e dos sonhos. O próprio candeeiro desfere a luz exata sobre o ângulo certo, também ele guardador involuntário do banco, iluminando ou assombrando esses devaneios do encanto e da desilusão." (idem: 77).

Continuará, hoje em dia, o banco verde a lançar um repto a todos os artistas cansados do mundo e ansiosos por navegar no incógnito?



Figura 6 - Álamo Oliveira, 1992: 76

### Referências Bibliográficas:

Candeias, Marcolino (2000), *Na Distância deste Tempo*. Lisboa, Edições Salamandra, col. "Garaiau". Série Especial. 2ª edição revista.

Clüver, Claus (2001), "Estudos interartes: introdução crítica", *in* Helena Buescu, João Ferreira Duarte, Manuel Gusmão (orgs.), *Floresta Encantada: Novos caminhos da literatura comparada*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, pp. 333-359.

Costa, Vasco Pereira da (1984), *Plantador de Palavras Vendedor de Lérias*. Coimbra: Serviços Culturais.

Dores, Victor Rui (2009), "O Pátio da Alfândega" in Tribuna Portuguesa. Quinzenário Independente ao serviço das comunidades da língua portuguesa, Modesto: Califórnia, p. 5.

Garcia, Borges (1953). Por uma Autêntica Literatura Açoriana. Separata de A Ilha. Ponta Delgada.

Haar, Michel (2007), A Obra de Arte. Ensaio sobre a ontologia das obras. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Difel, col. "enfoques".

Oliveira, Álamo (1984), *Missa Terra Lavrada (Teatro*). Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura, col. "Gaivota/38".

Oliveira, Álamo (1992), *Pátio d'Alfândega meia-noite*. Lisboa: Vega, col. "Chão da Palavra/Ficção".

Oliveira, Álamo (1995), *Burra Preta com uma lágrima*. Lisboa: Edições Salamandra, col. "Garajau", 2ª edição revista [1ª edição: 1982].

Oliveira, Álamo (1997), Com Perfume e com Veneno. Lisboa: Edições Salamandra, col. "Garaiau".

Oliveira, Álamo (2000), *A Solidão da Casa do Regalo*. Lisboa: Edições Salamandra, col. "Garajau".

Picon, Pierre (1972), L'œuvre d'art & l'imagination. Paris: classiques hachette, col. "textes et documents".





Figura 7 – O "banco verde" sob os candeeiros no Pátio d'Alfândega (imagem generosamente cedida pelo Dr. Álamo Oliveira)

### 7. CHRYS CHRYSTELLO, AICL 20º COLÓQUIO DA LUSOFONIA SEIA 2013

TEMA 2.1 LITERATURA E AÇORIANIDADE (HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO, ÁLAMO OLIVEIRA), CHRYS CHRYSTELLO, AICL 20º COLÓQUIO DA LUSOFONIA SEIA 2013

Pretende-se com esta comunicação prestar uma nota explicativa sobre a Açorianidade como uma das bandeiras dos Colóquios da Lusofonia.

Neste painel da Homenagem contra o Esquecimento E AÇORIANIDADES visamos disseminar e resgatar autores contemporâneos que merecem ser lidos, estudados e traduzidos para que se libertem das leis do esquecimento.

Deixem-me dar-vos a conhecer primeiro um pouco do arquipélago tal como o descrevi no livro segundo de ChrónicAçores: uma Circum-navegação.

Para Natália Correia a ilha é Mãe-Ilha, para Cristóvão de Aguiar Marilha, para Daniel de Sá, Ilha-Mãe, para Vasco Pereira da Costa Ilha Menina, mas para mim nem mãe, nem madrasta, nem Marília nem Menina, mas antes uma Ilha-Filha, que nunca enteada. Para amar e ver engrandecer nas dores da eterna adolescência que são sempre partos difíceis. Sempre fui ilhéu, perdi o sotaque sem malbaratar as Ilhas-Filhas que trago a reboque, corrente multifacetada de vivências, mundos e culturas distantes que constituem já a essência do meu ser.

Ao longo destes nove anos falei e escutei a maior parte dos autores (e, desses, entretanto, três já nos deixaram **Fernando Aires, Daniel de Sá**, José **Dias de Melo**). Com eles aprendi e compreendi a canga que os cachaços insulares carrearam, muitas vezes, sem o saberem.

O dilema da pequenez das ilhas para um autor se afirmar sem ser reconhecido fora delas, a atração pelo mercado continental mais vasto como forma de afirmação e alforria literária criando um misto de desligamento e aportuguesamento dos autores que se mudaram de armas e bagagens para fora das ilhas, a inveja e ciúme dos que não conseguiram atingir esse patamar de reconhecimento continental, a emancipação de outros que venceram nos EUA e Canadá e a tarefa ingente dos que permanecendo conseguiram alcandorar-se a um reconhecimento externo.

O que muitos deles não acreditavam era que por serem autores açorianos podiam aspirar a serem universais e não apenas insulares, e não apenas portugueses, se entrassem em mercados mais vastos da Europa e do mundo. Esses escritores poderiam chegar bem mais longe e libertar-se da prisão invisível que é a pequenez das 9 ilhas do arquipélago.

Para isso, teríamos de mondar mercados novos e virgens, como a selva amazónica antes dos novos bandeirantes. Se não chegassem às novas gerações açorianas, poderiam alcançar descendentes, e expatriados que aprendem hoje o orgulho da nação açoriana, na cultura, tradição e outros valores primordiais que tão arredados das escolas

andam hoje. Mas os Colóquios queriam levá-los a mercados e leitores insuspeitos incluindo a antiga Cortina de Ferro onde há enorme gosto e apetência por escritores lusófonos. Para isso, idealizamos a atual série de Antologias, uma bilingue para captação do mercado norte-americano e canadiano, outra maior em dois volumes com uma seleção dos mais consagrados e uma próxima Antologia no feminino dado que as autoras são sistematicamente esquecidas numa comunidade conservadora e machista como ainda é a sociedade açoriana. Todas estas obras são didáticas para poderem ser estudadas nas escolas e assim se conseguir propagar este vírus altamente contagioso da escrita açoriana para leitores neófitos.

Depois, deparámos com um fenómeno típico das sociedades insulares e bairristas, a existência de "capelinhas", cliques e claques, em torno das quais gravitavam alguns autores. Nem todos de qualidade despicienda, mas dependendo dessas cliques para serem objeto de artigos de jornal ou de visibilidade através da recensão crítica.

Na década de 1990, lentamente, os escritores açorianos foram encontrando o seu espaço, não havendo míngua de quantidade. Na maioria, sem projeção para além destas ilhas, com exceções contemporâneas. Falta ainda destrinçar entre as centenas de autores aqueles que realmente merecem ser incluídos em coletâneas e os outros que se serviram do rótulo da açorianidade para terem alguma visibilidade que, de outro modo, não teriam.

A solução que adotámos foi a de ignorar quem era quem, e sermos nós e os autores dos nossos projetos, a avaliar a qualidade de tais autores, com a ajuda dos autores que já conhecíamos e em quem já confiávamos. Daí as escolhas primeiras das antologias que posteriormente serão alargadas a mais autores e autoras à medida que os formos descobrindo sob o enorme Guarda-chuva da Açorianidade que a todos alberga. Nem sempre é fácil, pois ao lado de autores como Fernando Aires, Cristóvão de Aguiar, Eduíno de Jesus surgem autores que podemos designar como a Maria das Capelas, o António da Lomba e o José de Rabo de Peixe. Importantes até poderão ser de um ponto de vista de cultura popular, regional, local, mas não deveriam nunca estar sob um rótulo de literatura.

Onésimo de Almeida escreveu e coordenou os livros A "Questão da Literatura Açoriana" (1983), "Da Literatura Açoriana – Subsídios para Um Balanço" (1986) e "Açores, Açorianos, Açorianidade" (1989). Antes dele, Eduíno Borges Garcia escrevera artigos sobre literatura açoriana no semanário "A Ilha" e reunidos em opúsculo, mas ao contrário de outros teóricos, não utilizava a expressão separada do contexto nacional. Aconselhava os escritores açorianos a incluírem nos seus escritos a vida concreta do povo, pretendendo uma literatura açoriana virada para o neorrealismo, como reflexo da sociedade real.

O polémico debate académico em torno da expressão *«literatura açoriana»* criou entre os autores que se reuniam nos anos 80, amizades, inimizades, afinidades intelectuais e intertextualidades. Em "Constantes da insularidade numa definição de literatura acoriana", **J. Almeida Pavão**<sup>26</sup> (1988) afirmava

"...sobre a existência de uma Literatura Açoriana...assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Literatura Portuguesa Continental.

No polo positivo de um extremo, enquadrar-se-ia a posição de Borges Garcia e no outro extremo situar-se-ia o polo, naturalmente contestatário, formado por Gaspar Simões e Cristóvão Aguiar. Isto, sem falarmos de outros tantos depoimentos, tais sejam os de Pedro da Silveira, Ruy Galvão de Carvalho, Eduíno de Jesus, Carlos Faria, Ruy Guilherme de Morais, João de Melo e outros mais, quase todos estes compendiados e mais ou menos discutidos na obra A Questão da Literatura Açoriana, de Onésimo Teotónio de Almeida, que passou a tornar-se órgão indispensável de consulta para quem de novo se proponha abordar o problema.

Literatura Açoriana sê-lo-ia, na sua vertente política, sem qualquer contradita, se porventura os Açores se tornassem num território ou numa nação independente. E, aí, haveria que inscrevê-la dentro de novas premissas."

### Pedro da Silveira<sup>27</sup> (1922-2003) foi perentório:

«Já deixei notado que o separatismo não produziu nenhuma doutrina normativa da literatura, isto é, sobre o que deveria ser a literatura açoriana.» (Silveira, 1977: 11).

O que custava era aceitar que os escritores açorianos estivessem a desenvolver uma escrita que se diferenciava da de outros autores de Língua portuguesa. É que, nessa escrita, eram visíveis as especificidades que identificavam o açoriano como ser moldado por elementos atmosféricos e sociológicos diferentes, adaptado a vivências e comportamentos que, ao longo dos séculos, foi assimilando, pois, viver numa ilha implica(va) uma outra noção de mundividência.

A literatura açoriana não precisa de que se aduzam argumentos a favor da sua existência. Precisa de sair do gueto que lhe tem sido a sina<sup>28</sup>.

Falava-se em artesanato, folclore e cultura açoriana, mas nada era mais embaraçoso do que falar em literatura açoriana. O problema tinha contornos políticos pois em 1975, Vitorino Nemésio deixara-se utilizar pela Frente de Libertação dos Açores (FLA), movimento independentista, como candidato a Presidente da futura República. Contra a vontade da maioria, os separatistas insistiam em usar a literatura como sinal de identidade nacional.

**Machado Pires** diz haver "Autores açorianos que estando fora dos Açores, deles se ocupam sistematicamente de modo direto e indireto" (p. 57) e sugeria "**literatura de significação açoriana**" para acentuar a existência de uma literatura ligada à peculiaridade açoriana.<sup>29</sup>"

No 11º colóquio da lusofonia ou 4º Encontro Açoriano (na Lagoa abril 2009), Cristóvão de Aguiar rejeitou o rótulo de literatura açoriana, por considerar que ela faz

<sup>&</sup>lt;sup>26</sup> http://lusofonia.com.sapo.pt/acores/acorianidade pavao 1988.htm# ftn11# ftn11

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> Autor de "A Ilha e o Mundo" (1953)

<sup>&</sup>lt;sup>28</sup> ("Açores", Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e Teoria Literária, coordenado por João José Cochofel

Iniciativas Editoriais 1977)».

<sup>29</sup> p. 59 – "Para um conceito de literatura açoriana" in Raul Brandão e Vitorino Nemésio. Ensaios. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, col. "Temas Portugueses", 1987).

parte da produção literária lusófona. «O título (literatura açoriana) é equívoco, porque pode parecer que é [uma literatura] separada da literatura portuguesa», afirmou à agência Lusa o escritor.

«É, pelo menos, um ramo único no contexto da literatura portuguesa» contrapõe **Eduardo Bettencourt Pinto**, angolano, «escritor açoriano» por escolha própria.

Há vários autores, os residentes no arquipélago, os emigrados, os descendentes, e os estrangeiros que escrevem sobre os Açores. Falta destrinçar quais incluir na designação açórica. A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na Revista Insula, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comummente abordados como a solidão, o mar, a emigração.

Com respeito a esta definição de Açorianidade que tivemos de reformular aquando da criação este ano no âmbito do Prémio Literário AICL Açorianidade dedicado a Judite Jorge e ao Conto/Narrativa, acolhemos como uma das premissas o conceito de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana «enquanto superstrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência».

Como diz **J. Almeida Pavão** (1988)..." assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Literatura Continental<sup>30</sup>".

Assim, para nós, é Literatura de significação açoriana, a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caraterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem.

A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiossincrasias:

"...de **Onésimo de Almeida**, diríamos que o seu critério, assente na idiossincrasia do homem das Ilhas, nelas nado e criado, nos levanta uma dificuldade: a de englobarmos no mesmo conteúdo da Literatura Açoriana os autores estranhos que porventura as habitaram, já na idade adulta, como o **Almeida Firmino** de **Narcose** ou as visitaram, descortinando as suas peculiaridades pelo impacto de estruturas temperamentais forjadas em ambientes diversos, como é o já citado caso de Raul Brandão de "As Ilhas Desconhecidas". Entendemos, pois, que deverão ser abrangidos num rótulo comum de insularidade e açorianidade três extratos diversos de idiossincrasias:

- Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;
- O dos insularizados ou «ilhanizados» (adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino) e de todos aqueles (que não sendo açorianos por nascença ou hereditariedade) consideram as ilhas como "suas" de um ponto de vista de matriz existencial;
- Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração

Quando tive o privilégio de traduzir vários autores açorianos acabei por aprender idiossincrasias insulares. Deparei com noções etimologicamente ancestrais contrastando com o uso que se lhes apõe hodiernamente. No Dicionário Morais vêm quase todos os termos "chamados" açorianos. A língua recuada até às origens e adulterada pelo emigrês que trouxe corruptelas aportuguesadas e anglicismos. Tratei de desvendar o arquipélago como alegoria recuando à infância dos autores, sem perder de vista que as ilhas reais já se desfraldaram ao enguiço do presente e não podem ser só perpetuadas nas suas memórias.

Nesta geografia idílica não busquei a essência do ser açoriano. Existirá, decerto, em miríade de variações, cada uma vincadamente segregada da outra. Também não cuidei de saber se o homem se adaptou às ilhas ou se estas condicionam a presença humana, para assim evidenciar a sua especificidade ou açorianidade. Antes quis apreender as suas Mundividências e as infrangíveis relações umbilicais que as caraterizavam face aos antepassados e locais de origem. Deduzi caraterísticas relevantes para a açorianidade:

- 1. O geomorfismo<sup>31</sup> e o clima inculcam um caráter de letargo e de detença;
- O desconhecimento generalizado dos Açores e de Portugal é mútuo e quase igual ao de há muitos séculos;
- O meio social reflete uma estratificação por classes, ainda vincadamente feudal apesar do humanismo que a revolução de 1974 alegadamente introduziu nas relações sociais e familiares;
  - 4. Fora das pequenas metrópoles que comandam a vida em cada ilha, num

antropogénico. O termo vem do grego:  $\Gamma \eta \circ \zeta$ , geos (Terra),  $\mu \circ \rho \circ \eta$ , morfé (forma) e  $\lambda \circ \gamma \circ \zeta$ , logos (estudo, conhecimento).

A geomorfologia centra-se no estudo das formas da paisagem, mas porque estes são o resultado da dinâmica da litosfera como um todo, integra o conhecimento, em primeiro lugar de outros ramos da geografia como a Climatologia, Hidrografia, Pedologia, Glaciologia, Paleogeografia e, do outro lado, também integra contributos de outras ciências, para incluir o impacto dos fenómenos biológicos, geológicos e antrópicos no relevo. Este ramo da ciência integra-se tanto na geografia física, como na geografia humana, devido aos desastres naturais e às relações homem-ambiente, e também na geografia matemática, no que diz respeito à topografia). A geomorfologia toma forma no final do século XIX pelas mãos de William Morris Davis, que também é considerado o pai da geografia americana. Nesse tempo, a ideia prevalecente sobre a criação do relevo era do catastrofismo como causa principal. Davis e outros geógrafos começaram a demonstrar que outras causas foram responsáveis pela modelagem da superfície da Terra. Davis desenvolveu uma teoria da criação e destruição da paisagem, a que ele chamou de "ciclo geográfico". Obras como "The Rivers and Valleys of Pennsylvania", "The Geographical Cycle" e "Elementary Physical Geography", deram um forte impulso inicial, seguido por outros estudiosos, como Mark Jefferson, Isaiah Bowman, Curtis Marbut, que foram consolidando a disciplina.

<sup>&</sup>lt;sup>30</sup> Citando J. Almeida Pavão (1988)

Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;

O dos insularizados ou «ilhanizados», adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do já referido poeta Almeida Firmino;

<sup>—</sup> E ainda o dos estranhos, como o também já mencionado Raul Brandão."

<sup>&</sup>lt;sup>31</sup> **Geomorfologia** é um ramo da Geografia que estuda as formas da superfície terrestre. Para isso, tende a identificar, descrever e analisar tais formas, entendidas aqui como relevos, assim como todos seus aspetos genéticos, cronológicos, morfológicos, morfométricos e dinâmicos, tanto pretéritos como atuais e naturais ou

centralismo autofágico e macrocéfalo, persiste uma arreigada adjacência das gentes à terra e ao mar, perpetuada em crenças e medos ancestrais exorcizados por celebrações mistas de religiosidade e paganismo;

5. Permanecem ainda quase como tabus problemas endémicos como a pedofilia, violência doméstica, machismo, entre outros.

Nestes Colóquios já homenageamos entre outros escritores açorianos FERNANDO AIRES, EMANUEL FÉLIX, EDUÍNO DE JESUS, ONÉSIMO ALMEIDA, DIAS DE MELO, CRISTÓVÃO DE AGUIAR, DANIEL DE SÁ, VASCO PEREIRA DA COSTA, EDUARDO BETTENCOURT PINTO, VALADÃO SERPA, URBANO BETTENCOURT.

Hoje vamos falar de ÁLAMO OLIVEIRA, um artesão de palavras, poeta telúrico, eclética voz que se ergue do Raminho na Ilha Terceira gritando a sua idiossincrasia açoriana, como narrador das suas andanças por terras da Europa, Brasil e da América do Norte.

Victor Rui Dores, escreveu que

"Álamo faz das suas itinerâncias e peregrinações uma geografia afetiva de lugares, memórias e coisas, atravessadas por olhares, impressões, alusões, afetos e imagens, procurando na viagem não o destino, mas a sua própria natureza".

Álamo é um autor prolífico que merece ser homenageado, lido, estudado e divulgado por esse mundo fora, não pode ficar contido na pequenez das nove ilhas e do jardim à beira-mar plantado. Tem de ser rojado a esses mares alterosos nas caravelas da sua escrita de velas enfunadas pela poesia, teatro, contos e romance.

Há que salientar a sua incursão purgatória na guerra colonial no livro "Até hoje (memórias de cão)," uma constante alternância entre a dura realidade da guerra em 1967 e a saudade da ilha de origem do personagem João. Nessa visão, a ilha assume contornos de paraíso perdido como um utópico lugar de referência. Ali, a memória serve como válvula de escape ou mecanismo de defesa contra a traumática selvajaria da guerra que nunca mais surgia, num suspense que se alarga a seis capítulos que percorrem o concubinato entre a Igreja e o Estado Novo onde, citamos, "o silêncio é a força da virtude e a ignorância o progresso dos povos".

O autor considera este livro como catarse sobre a guerra colonial, embora se sinta imensamente orgulhoso do livro "*Já não gosto de chocolates*," um dos seus títulos de maior apreço por parte dos leitores.

Álamo escreve desde tenra idade, tendo sido publicado aos 14 ou 15 anos. Foi marcado pelos livros de contos infantis que a avó tinha, e influenciado bem cedo por obras clássicas como as Pupilas do Senhor Reitor e a Cidade e as Serras.

Embora prefira a ficção, o teatro serve para se divertir e a poesia representa uma espécie de libertação pessoal, a acreditar nas entrevistas que deu. Alguns dos seus livros foram já traduzidos para inglês, francês, italiano, espanhol, croata, esloveno e japonês. No 19º colóquio na Maia em março 2013, dois poemas seus foram traduzidos para nove línguas, "Lua de Ganga" e "Eu fui ao Pico e piquei-me".

Vamberto Freitas explica assim o autor:

"Se a Natureza é uma realidade inescapável para a maioria dos escritores açorianos, dada a sua instabilidade e constantes manifestações de certos humores e cor, dada a nossa obsessão com o cerco do mar e as suas antigas ameaças de nos fechar do mundo, a poesia de Álamo Oliveira nunca acontece sem a presença do elemento humano centrado viva mas solitariamente, ou em estado apático e incerto no seu olhar fixado no longe e no inefável para além da junção do céu e mar, tentando adivinhar o que poderia ter sido um outro destino. Quase toda a poesia açoriana parece um choro sem lágrimas, nunca acusatório, das saudades do futuro que nunca chega, as saudades das terras distantes para as quais inventamos as nossas próprias fantasias, e de onde depois lamentamos até à morte a nossa partida do torrão natal. É o perpétuo ciclo existencial, a condenação dos náufragos e a libertação dos ilhéus navegantes."

fim de citação

Para falar de Álamo, escritor que tardiamente conheci pessoalmente deparou-seme um problema. Para escrever sobre outros autores fui conhecer e visitar as suas ilhas, não só as autênticas, mas as imaginadas que acartam ao pescoço como colar de negro basalto, lava encordoada há muito solidificada.

Como ainda não conheço a ilha Terceira nem o Raminho não posso psicanalisar os locais que lhe são queridos onde foi buscar o magma vivo da musa inspiradora para os seus inúmeros livros e peças teatrais.

Quando escrevo sobre os autores açorianos gosto de conhecer os caminhos trilhados, ver as casas que formaram a sua história de vida infantojuvenil e as suas ruínas, olhar nos olhos os seus habitantes, fotografar as cores e memorizar os cheiros, para depois poder dissecar as palavras que os descrevem. Não tendo isso, a mera leitura dos seus escritos indica-me que não o conheço como queria para dele falar numa sessão onde o queremos homenagear.

Sendo um escritor prolífico e um autor eclético que se espraia por Teatro, Romance, Conto, Poesia, Álamo não se confina aos estreitos limites de cada género antes dando razão aos apoiantes da teoria Gestalt ou psicologia da forma, que propugna que "não se pode ter conhecimento do todo por meio das suas partes, pois o todo é maior que a soma das suas partes".

Segundo o critério da transponibilidade, independentemente dos elementos que compõem determinado objeto, a forma é que sobressai: as letras r, o, s, a não constituem apenas uma palavra em nossas mentes:

"(...) evocam a imagem da flor, seu cheiro e simbolismo - propriedades não exatamente relacionadas às letras.

Em "Já não gosto de chocolates," Álamo fala da forma como os descendentes de açorianos, que bem conhece dado ter familiares emigrados na América do Norte e lá ter lecionado, são atraídos pelos festivais religiosos, passando horas nos seus carros

(alegóricos ou não) com a mesma intensidade de sacrifício com que fariam uma procissão a pé, de forma a exaurir a "saudade".

Esse sentido de pertença das comunidades da diáspora perpetua-se em vídeos partilhados por familiares e amigos separados pela geografia. Por outro lado, as comunidades envolvem as crianças e os jovens, desde tenra idade, para não perderem o seu sentido identitário apesar de integrados nos locais onde vivem.

A assustadora incerteza da vida nas ilhas sempre sob esconsas ameaças indefinidas não se deixa subverter pelos valores históricos, culturais e ideológicos da ilha onde Álamo nasceu, mas simultaneamente transmite uma universalidade que em muito transcende estas narrativas da diáspora californiana. A sua diegese intimista desce ao complexo mundo dos personagens, que, como escreveu Assis Brasil "deixam de ser emigrantes para se converterem em seres humanos."

Como Vamberto Freitas diz<sup>33</sup>

"os Açores não são um espaço cultural anacrónico nem Álamo Oliveira é um elitista cultural fechado numa torre de marfim, muito menos um masoquista que trabalhe para castigo próprio ou por contemplação narcisista. Acontece que ele, e

34 POESIA

A Minha Mão Aberta (opúsculo), 1968

Pão Verde, 1971 (esgotado)

Poemas de(s)Amor, 1973 (esgotado)

Fábulas, 1974 (esgotado)

Os Quinze Misteriosos Mistérios, 1976 (esgotado)

Cantar o Corpo, 1979 (esgotado)

Eu Fui ao Pico Piquei-me, 1980 (esgotado)

Itinerário das Gaivotas, 1982 – ed. DRAC (esgotado)

Nem Mais Amor que Fogo (em parceria com Emanuel Jorge Botelho), 1983

Triste Vida Leva a Garça (antologia 1967/81), 1984 – ed. Ulmeiro

Textos Inocentes, 1986 (esgotado)

Erva-Azeda, 1987 (esgotado)

Impressões de Boca, 1992 – ed. DRAC (esgotado)

António, Porta-te como uma Flor, 1998 – ed. Salamandra

Memórias de Ilha em Sonhos de História (poemas sobre aguarelas de Álvaro Mendes), 2000

Cantigas do Fogo e da Água (quadras sobre aguarelas de Álvaro Mendes), 2001

Andanças de Pedra e Cal 2010

**TEATRO** 

Um Quixote - 2ª edição, 1974 (esgotado)

Morte ou Vida do Poeta, 1974 (esgotado)

Manuel, Seis Vezes Pensei em Ti, 2ª edição, 1994 – ed. Jornal de Cultura (esgotado)

Uma Hortênsia para Brianda, 1981 – sep. Revista «Atlântida» (esgotado)

Sabeis quem É este João? 1984 – sep. Revista «Atlântida» (esgotado)

Missa Terra Lavrada, 1984 – ed. DRAC (esgotado)

Os Sonhos do Infante, 2ª edição, 1995 – ed. Jornal de Cultura (esgotado)

todos nós com ele no arquipélago, estamos perfeitamente conscientes do que nos leva a fazer suplementos culturais: a força da tradição literária açoriana."

### Fim de citação

A nostalgia do ser ilhéu atinge na sua lírica uma força centrípeta capaz de ultrapassar os espasmos telúricos que perpassam pela sua vasta obra, pejada de títulos curiosos como podem ler na autobiografia<sup>34</sup> que selecionamos e publicamos na ata deste colóquio.

Vamberto considera o seu mais recente livro "Murmúrios com vinho de missa" como

"o romance do ano, pela sua beleza formal, pela audácia da sua temática, o sexo como moeda de troca na sociedade dos nossos tempos. Antes do sucesso deste seu outro romance, era já reconhecido no arquipélago como uma das mais vivas e criativas vozes da literatura açoriana, sobretudo na sua poesia e teatro. Desde sempre hiperconsciente da sua realidade de homem ilhéu, a sua temática centra-se na procura do amor e entendimento num mundo já sem fronteiras e em constante turbulência e transformação."

António de Assis Brasil escreve na contracapa:

Morte que Mataste Lira (musical com Carlos Alberto Moniz) – ed. CD, 1999

A Solidão da Casa do Regalo e Almeida Garrett - Ninguém, 2000 – ed. Salamandra

Quatro Prisões Debaixo de Armas e o Quadrado, 2012. Ed. Autor.

#### **ROMANCE**

Burra Preta com uma Lágrima – 2ª edição, 1995 – ed. Salamandra

Até Hoje Memórias de Cão, 1986 - ed. Ulmeiro; 1988 - ed. Signo; 2003 - ed. Salamandra

Pátio d'Alfândega Meia-Noite, 1992 – ed. Vega

Já não Gosto de Chocolates, 1999 – ed. Salamandra;

versão inglesa, 2006 – ed. Portuguese Heritage Publications of California, Inc.;

versão japonesa, 2008 – ed. Random House Kodansha

#### CONTO

Contos com Desconto, 1991 – ed. Instituto Açoriano de Cultura (esgotado)

Com Perfume e com Veneno, 1997 – ed. Salamandra

Caneta de Tinta Permanente na Poesia Popular" 2012, homenagem ao cantador popular terceirense Manuel Caetano Dias, mais conhecido por "caneta".

#### **ENSAIO**

Almeida Firmino / Poeta dos Açores, 1978 – ed. DRAC (esgotado)

Olá, Pobreza! 1996 – ed. Jornal de Cultura (esgotado)

#### Antologias (mais recentes)

In Antologia (Bilingue) Autores Açorianos Contemporâneos, ed. Calendário de Letras/AICL, VN de Gaia, 2011 In Antologia (Monolingue) Autores Açorianos Contemporâneos, ed. Calendário de Letras/AICL, VN de Gaia, 2012.

### Vídeos do autor

http://www.veengle.com/s/%C3%81lamo%20Oliveira.html

http://www.youtube.com/watch?v=yg5KN9d0IX4

http://www.youtube.com/watch?v=ZUTHTrkxOlg

<sup>32</sup> http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via03/via03 16.pdf

<sup>33</sup> http://lusofonia.com.sapo.pt/acores/acorianidade\_freitas\_1998b.htm

"Tenho para mim que este livro é a suma de todas as preocupações de Álamo Oliveira, e, sua obra-prima, sem desmerecer sua obra anterior, reconhecida como das mais importantes da língua comum a toda lusitanidade. Uma história comovente de desejo e irrealização, que nos agarra por sua densidade humana. Ao mesmo tempo, "Murmúrios com vinho de missa" mostra-nos o infeliz poder da repressão moral, ainda em nossa sociedade contemporânea. Uma leitura inesquecível"

Antes de terminar a abordagem à obra deste vate terceirense, cito-o, de novo em

lua de ganga quando te via na ganga azul do teu fato embandeirava-me de ternura e propunha despir-te como se lua fosses ou nada

tocava com a ponta dos dedos o poema do teu corpo

era azul mas eu morria de medo

Como saborear o perfume da sua poesia e o sabor dos seus chocolates? Quando fiz o 5º Caderno de Estudos Açorianos que a ele era dedicado e quando traduzi excertos de algumas das suas obras algo ficou gravado para sempre na retina como a imagem mental que dele guardo. Trata-se da sua interpretação soberba, diria magistral, de a *Treceira de Jasus* gravada sobre as ruínas do terrível terramoto que destruiu grande parte da cidade património da humanidade Angra do Heroísmo.

Pela musicalidade da peça que se entranha no ouvido e rapidamente nos damos conta de a cantarolar mesmo em sonhos, pela acerada crítica que as suas palavras encerram, e por entender que todas a deveriam ouvir e ver para dessa forma melhor interpretarem o autor aqui vos deixo essa sua representação.

Creio que assim teremos escolhido uma das melhores formas de o homenagearmos.

### a traceira de jasus em

https://www.lusofonias.net/a%C3%A7ores/terceira/2055-1980-a-traceira-de-jasus-por-alamooliveira.html

### 8. ZÉLIA BORGES UPM JUBILADA, 17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA LAGOA 2012

### TEMA 1.4 CIGARRAS AÇORIANAS TRABALHAM COMO FORMIGAS,

Tradicionalmente, com base na leitura bíblica, o trabalho tem sido visto como castigo para o homem em queda. Perdida a felicidade do Éden, desde o pecado original, toda a humanidade é obrigada a ganhar o pão com o suor do próprio rosto. E o trabalho se opõe ao descanso, ao lazer. Todavia, em nossos dias, em tempos de maior indulgência, os artistas já podem jactar-se por serem remunerados ao produzir obras que lhes dão prazer.

O trabalho pode sim, mesmo que a duras penas, ser forte aliado do ócio criativo. Nesta comunicação, parte-se da *Antologia Bilíngue de Autores Açorianos*, de CHRYSTELLO e GIRÃO (2011), secundada pela *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*, de Melo (1978) e tendo por mote a lenda da cigarra e da formiga, tentar-se-á mostrar que, para os escritores açorianos, o canto da cigarra não é incompatível com o trabalho da formiga.

Tabuladas as informações advindas das antologias, pode-se concluir que a atividade artística, mais vista como lazer, não impede o exercício de atividades consideradas mais como trabalho propriamente dito. Numa visão bastante maniqueísta da vida e do mundo, vive-se num jogo de escolhas entre polos contraditórios e excludentes. Entre as oposições disponíveis está a que se faz entre o bem e o mal.

Nesta visão o bem é o trabalho e o mal, a diversão. Sociedades religiosas e laicas insistiram em perpetuar e passar tal visão. Hoje sabe-se que nem tudo é tão claro assim, nem tão oposto e excludente. Sabedoria popular, por exemplo, nem sempre se opõe a sabedoria fundada no conhecimento, no estudo. Do mesmo modo, bem e mal nem sempre aparecem com tanta claridade e excludência; o trabalho e o lazer podem vir conjugados. Ilustrativa da evolução deste modo de pensar é a lenda da cigarra e da formiga.

Tal lenda, atribuída a Esopo com raconto de La Fontaine, tradicionalmente opõe o trabalho da formiga ao canto da cigarra no tempo da primavera, premiando o primeiro (a formiga se refugia em casa aquecida e alimento abundante no inverno) e castigando o segundo (à cigarra imprevidente, só resta dançar ao frio). Em nossos dias, a lenda tem aparecido em versões mais conciliadoras, com um final menos duro que o da versão primeva.

Nesta, a formiga costumava condenar a cigarra ao frio e à fome, dizendo-lhe: "Cantou durante o verão?! Pois dance agora." Já na nossa infância, líamos de Monteiro Lobato uma versão menos radical quanto a prêmio e castigo. O autor registra duas fábulas com títulos diferentes:

 A Formiga boa. Nesta a cigarra, com a chegada do inverno, procura a formiga e, tossindo e tremendo. E a história assim termina:

- Ah! ... exclamou a formiga recordando-se. Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?
  - Isso mesmo, era eu...
- Pois entre amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora. Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

### 2. A formiga má. Termina diferentemente:

- [....] a formiga era uma usurária sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida de todos os seres.
  - Que fazia você durante o bom tempo?
  - Eu... eu cantava.
- Cantava? Pois dance agora, vagabunda! E fechou-lhe a porta no nariz.

Resultado: a cigarra ali morreu intanguidinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. É que faltava na música do mundo o som estridente daquela cigarra morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usurária morresse, quem daria pela falta dela?

E o autor que fazia alegria de nossa infância ainda tem o cuidado de apor à fábula a moral da história: "Os artistas - poetas, pintores, músicos - são as cigarras da humanidade". Na Internet, que tudo aceita, aparece no site Qdivertido.com.br (2011), uma adaptação com um seguinte final em que a formiga rainha institui o canto como uma tarefa para a cigarra, integrando-a, assim, na comunidade do formigueiro:

Certo dia o inverno chegou, e a cigarra começou a tiritar de frio. Sentia seu corpo gelado e não tinha o que comer. Desesperada, foi bater na casa da formiga.

Abrindo a porta, a formiga viu na sua frente a cigarra quase morta de frio.

Puxou-a para dentro, agasalhou-a e deu-lhe uma sopa bem quente e deliciosa.

Naquela hora, apareceu a rainha das formigas que disse à cigarra:

- No mundo das formigas, todos trabalham e se você quiser ficar conosco, cumpra o seu dever: toque e cante para nós.

Para cigarra e para formigas, aquele foi o inverno mais feliz das suas vidas.

Aqui se conciliam os opostos ócio/ocupação, trabalho/lazer, legitimando o ócio criativo, tão simpático na atividade artística. Aliás, a atividade artística era muito mais associada à busca do lazer, ao descanso do trabalho, oportuna apenas para as horas de

folga. E não somente ao lazer, mais respeitado na sociedade maniqueísta, que ligava lazer a descanso e prazer atividades condenáveis.

No Brasil, tal fato se evidenciava sobremaneira, pois artistas só obtinham Carteira de Identidade em Delegacia de registro de atividade de prostituição. As palavras tradicionalmente usadas para a atividade produtiva têm uma história interessante, que parece oportuno considerar. No grego, trabalhar se expressava através de dois verbos diferentes:

- 1) γργάζομαι: definido como trabalhar, no sentido de produzir algo; tendo o substantivo correspondente εργον;
- 2) o segundo verbo, διαπονεω, tem o significado de trabalhar com esforço. Esta mesma palavra é definida como castigar, por Pereira (1961), que lhe apõe a observação "falando de estilo",

No latim aparece com uma só palavra para trabalhar: \*tripaliare que, na explicação etimológica de Houaiss é verbo românico, advindo do latim tripalium, 'instrumento de tortura', derivado do adjetivo tripális, aparelho 'sustentado por três estacas ou mourões'. Com isto, para nós, falantes de língua latina, trabalho traz consigo, sempre, a ideia de esforço e de castigo. Aliás, o castigo imposto a Adão, em sua queda do paraíso, fala em "ganhar o pão com o suor de seu rosto. Assim, trabalho opõe-se a lazer que, na definição do mesmo dicionarista, se define como:

"1 tempo que sobra do horário de trabalho e/ou do cumprimento de obrigações, aproveitável para o exercício de atividades prazerosas; 2 Derivação: por metonímia. atividade que se pratica nesse tempo; 3 Derivação: por extensão de sentido. cessação de uma atividade; descanso, repouso". Ócio também se opõe a trabalho, com as seguintes explicações: 1 cessação do trabalho; folga, repouso, quietação, vagar 2 espaço de tempo em que se descansa 3 falta de ocupação; inação, ociosidade 4 falta de disposição física; preguiça, moleza, mandriice, ociosidade 5 Derivação: sentido figurado trabalho leve, agradável. Observe-se que a definição derivada de lazer bate com a derivada de ócio.

Temos até um sintagma para falar de atividade artística sem confundi-la simplesmente com ócio: a expressão "ócio criativo". Este pode resultar, de fato, de tarefa muito trabalhosa, às vezes até penosa. Olavo Bilac tem um soneto – "A um poeta", onde fala do esforço que se faz para alcançar um poema:

Longe do estéril turbilhão da rua, Beneditino escreve! No aconchego Do claustro, na paciência e no sossego, Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego Do esforço: e trama viva se construa De tal modo, que a imagem fique nua Rica mas sóbria, como um templo grego Não se mostre na fábrica o suplício Do mestre. E natural, o efeito agrade Sem lembrar os andaimes do edifício:

Por que a Beleza, gêmea da Verdade Arte pura, inimiga do artifício, É a forca e a graca na simplicidade.

Correndo os olhos no poema, ressaltam-se os verbos usados no último verso da primeira estrofe. São todos muito mais ligados ao trabalho visto como esforço – "Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!"- nas explicações a eles dadas por Houaiss (...).

De fato, para obter o verso o poeta deve trabalhar com paciência e sossego; isolado em sua cela, pois deve:

- trabalhar, bem no sentido de sofrer tortura, do verbo latino; teimar, isto é, insistir, com grande obstinação, por repetidas vezes;
  - limar, isto é, "corroer material duro com lâmina dentada";
- sofrer, isto é "experimentar com resignação e paciência; suportar, tolerar, aguentar";
- suar, isto é, "empregar grandes esforços na consecução de (algum objetivo); afadigar-se".

Mas o poeta parnasiano não se esquece de conciliar opostos, isto é *paciência*, vista como "capacidade de persistir numa atividade difícil, suportando incômodos e dificuldades; aliada a sossego, visto como "quietude física; descanso, repouso, ausência de problemas, de preocupações, de trabalho excessivo; descanso, calma, tranquilidade". Bilac encerra o poema também com um paradoxo ao definir Beleza como "a força e a graça na simplicidade". De fato, força pode se opor a graça:

- 1. força, isto é, "robustez, vigor físico, energia vital;
- 2. *graça*, isto é "elegância e leveza de formas, do porte e/ou dos movimentos; graciosidade.

Ora, a simplicidade, em sua aquisição, pode resultar de ingente esforço.

Com efeito, nosso autor parnasiano, pontificou e "cigarreou" no Brasil há bastante tempo. Assim, para aqueles que gostam apenas de bibliografia recente e que veem a suprema arte na tecnologia avançada, pode-se brindar com afirmação mais recente e concisa, tornada preceito para Steve Jobs: "A simplicidade é a máxima sofisticação" (Isaacson, 2011: p. 99).

O que é recente, na verdade é a forma e a síntese, porque a máxima adviria de Leonardo da Vinci, segundo o mesmo autor. Convém agora atentar às cigarras laboriosas, formigas cantantes, aos nossos autores açorianos, cujo trabalho apraz considerar, neste momento em que a primavera começa a se anunciar no hemisfério norte.

Colhi<sup>35</sup> os autores, inicialmente, em Chrystello e Girão (1911) – *Antologia Bilíngue de Autores Açorianos*. Contudo, não podia deixar de fora dois autores não focados na obra, mas que me ocuparam bastante desde que frequento estas ilhas queridas.

Um deles, Dias de Melo, foi objeto de minha consideração no Colóquio de 2009, aqui mesmo em Lagoa. Do outro, Cristóvão de Aguiar, venho cuidando na tentativa de torná-lo conhecido no Brasil, tarefa de que fui incumbida pelo mesmo Colóquio e que, recentemente, no Colóquio realizado em Santa Maria, 2011, passou para a colega Dina Ferreira a quem devo ajudar.

Tabulei<sup>36</sup>, inicialmente, dados da Antologia. Todavia, mesmo em tabela bastante resumida e localizada, precisei lançar mão de pelo menos mais uma antologia, a *Antologia panorâmica do conto açoriano*, de João de Melo (1978), que percorre um tempo mais dilatado (séculos XIX e XX).

Além disso, incluí alguns dados considerados oportunos, obtidos diretamente em obra de autor devidamente citado. São autores ilhéus, embora esteja entre eles um autor angolano, Eduardo Bettencourt Pinto, que viveu em Ponta Delgada e, desde 1983, reside no Canadá. Publica em jornal e revista açorianos e possui poemas em antologias nos Estados Unidos, Brasil, Portugal, Inglaterra e Letônia.

Açorianos todos os demais da *Antologia Bilíngue de Autores Contemporâneos* e os dois da *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*: Álamo de Oliveira, Caetano Valadão Serpa, Daniel de Sá, Eduíno de Jesus, Emanuel de Sousa, Emanuel Félix, Fernando Aires, José Martins Garcia, Marcolino Candeias, Maria de Fátima Borges, Onésimo Teotónio de Almeida, Urbano Bettencourt, Vasco Pereira da Costa, Victor Rui Dores. Os dois constantes da outra antologia já foram acima apontados.

Nas três primeiras colunas da tabela, cada autor tem sua vida datada e localizada. Temos autores de cinco ilhas: Ilha das Flores e Graciosa: com um autor para cada uma; Ilha do Pico, quatro autores; São Miguel, seis autores; Terceira, quatro autores.

Todos os autores analisados nasceram no século XX. O de data mais antiga nasceu em 1925, seguido por um de 1928 e um outro de 1936. Todos os demais, exceto cinco para os quais não aparece tal data, nasceram a partir de 1940, o que justifica sua classificação como contemporâneos, pois a primeira morte registrada só ocorreu em 2002.

Assim, produziram até o século XXI.

Na quarta coluna, aparece atividade essencialmente de formiga: constam nela os estudos de cada autor, no tempo de fazer provisões para o futuro, na primavera da vida. Apenas um autor não tem declinados seus estudos.

A produção dos autores como cigarras aparece em quatro colunas da tabela: Outros Trabalhos, Publicações, Antologias e Obras traduzidas.

Na primeira coluna estão referidas as diversas atividades exercidas: funcionalismo público, participação em departamentos de Estado ligados à Cultura, palestras e conferências em terras portuguesas continentais e insulares, na África do Sul, Bélgica, no Brasil, no Canadá, China (Macau), Estados Unidos, Espanha, França, na Guiné-Bissau, Holanda, Inglaterra, Itália, Letônia, Senegal, Venezuela.

Conclui-se que o canto das cigarras açorianas esteve em quatro continentes.

Entre atividades diversas aparecem duas mais ou menos estranhas ao canto: serviço militar (referido para dois autores) e serviço em banco. A partir do serviço militar veio o canto através de autobiografia, biografia, memória, diário ou nem tanto (nas palavras de um autor). A autora que exerceu atividade bancária, além de publicações exerceu atividade de professora universitária e publicou também suas obras literárias.

Na coluna publicações, vemos que o canto se espalhou por artes, mídias e gêneros literários diversos: artigos em jornais e revistas literárias e de artes, coleções turísticas, conto, crítica e teoria literária, crônica, dicionário temático da baleação, ensaio, internet, novela, poesia, rádio, romance, teatro, televisão.

No rol de publicações tabuladas, aparece até uma obra vertida para o Braille, na Biblioteca do Congresso nos Estados Unidos.

Na coluna Antologias não citei aquela que serviu de ponto de partida para minhas considerações, graças à obviedade de tal citação. Tive o cuidado, porém, de apor a Antologia de Melo aos nomes dos dois autores, cujos dados aqui incluídos dela vieram.

Registrei também outras antologias para alguns autores onde foram referidas. Deixei para o fim a atividade que me parece o protótipo da cigarra-formiga (ou da formiga-cigarra).

Falo aqui do magistério, uma vez que o professor trabalha como um mouro, cantando, propagando, explicando, antes mesmo que seu próprio canto, o canto de outras cigarras, na sua e em outras línguas.

Apenas um autor aparece sem nenhum registro nesta coluna. Mas sendo consultor de informática, subsidia todo e qualquer professor com um instrumento de trabalho que, em nossos dias, quase ninguém dispensa.

#### **TABELAS:**

### 9. ÁLAMO OLIVEIRA TAMBÉM NA ANTOLOGIA DE JOÃO DE MELO

	Local	Freguesia do Raminho
	Ilha	Terceira
NASCIMENTO	Data	1945
ESTUDOS	Seminário de Angra	
MAGISTÉRIO	Universidade da Califórnia – Berkeley (lecionou sobre sua obra para alunos de L. Portuguesa, em 2002).	
OUTROS TRABALHOS	Diversos departamentos. governamentais ligados à Cultura	
PUBLICAÇÕES	Poesia, romance, conto, teatro, ensaio.	
ANTOLOGIAS		
OBRAS TRADUZIDAS		

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Cristóvão (1994) Passageiro em Trânsito. Lisboa: Salamandra. (2000) – Relação de Bordo II. Porto: Campo das Letras.

CHRYSTELLO, Helena e GIRÃO, Rosário (2011) – Antologia Bilíngue de Autores Açorianos – trad. Chrys Chrystello, Vila Nova de Gaia: Calendário de Letras.

ISAACSON Walter (2011) - Steve Jobs: a biografia. São Paulo: Companhia das Letras.

MELO, João de (1978) - Antologia Panorâmica do Conto Acoriano. Lisboa: Veja.

LOBATO. Monteiro (1976) - Fábulas. São Paulo: Brasiliense.

Presidência do Governo Regional dos Açores Gabinete de Apoio à Comunicação Social – Apresentação de Catarse de Cristóvão de Aguiar e Francisco

† Apresentação de Catarse de Cristóvão de Aguiar e Francisco de Aguiar – Disponível 11/091/2012

PEREIRA, Isidro S.J. (1961) (Dicionário Grego-Português e Português-Grego. 3 ed. Porto: Apostolado da Imprensa

Qdivertido.com.br (2003-2011). Contos infantis, historinhas e fábulas Disponível em janeiro de 2012.

Daqui para a frente passarei a redigir na primeira pessoa, pois atingido o estágio de vida em que me encontro, posso fazer minha a máxima de Pedro Nava – "A experiência é como farol traseiro do carro; só ilumina para trás" – e assumir, como direito adquirido, o uso do eu e do nós.

#### 10. RETIRADO DO SUPLEMENTO 5 JUNHO 2012

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até por outros autores. Hoje, servimo-nos do trabalho musical do próprio Álamo "A Traceira de Jasus", (e outros trabalhos) e de uma adaptação musicada feita por Pedro Teixeira da EB 2,3 da Maia



Álamo Oliveira - Nasceu na ilha Terceira em 1945

Triste vida leva a garça
- que búzio infinito esta mulher
com a música da vida
grávida no seu ventre!
- que prado este ventre de luzerna
amarela e enternecida
na véspera do colo da semente!

(In Fábula da Vida)

amarela e enternecida na véspera do colo da semente!

(In Fábula da Vida)

### A TRECEIRA DE JASUS

A Treceira de Jasus
Deu uma queda , foi ao chão,
Rasgou capa e capuz,
Seu peitilho de algodão;
Quebrou casas -- magoou-se! -Toda ela uma aflição!
Já não faz seu arroz-doce,
Já não dá sua função.

Vive agora desolada À espera do caixão, Como lira amortalhada, Sem amor no coração.

Mas vieram cavaleiros...
Eram três! (Por minha espada!)
Foram mesmo os primeiros
A chegar de madrugada.
E untaram suas feridas,
A lavaram bem lavada.
Foram dias, foram vidas
Que salvaram de enfiada!
E as gaivotas já partiram
A espalhar a nova dada:
-- À Treceira acudiram!
Está melhor, mas quase nada...!

O primeiro cavaleiro
Tinha barbas cor-de-vinho,
Pena no chapéu abeiro,
Um anel no seu mindinho...!
A gravata cor de fogo,
Com seu fato verde-pinho.
Nunca mais era do povo,
Nem sabia o seu caminho.
Viu a ilha como chora
E, matreiro, de mansinho,
Com as malas, foi-se embora.
-- Que Deus o faça santinho!...

O segundo cavaleiro
Veio com armas e bagagem.
Talvez fosse um engenheiro,
Arquitecto da coragem.
Tinha dentes de oiro velho
E, no peito, tatuagem.
Vinha de cravo vermelho -O que lhe dava boa imagem.
Mas só vento e garganta

Debulhava como vagem; Foi pardal que o mar espanta... Lá seguiu de viagem.

O terceiro cavaleiro
Veio com ares de Sevilha,
Usava água-de-cheiro
E fumava de boquilha;
Vestia robe chinês,
Na cabeça, uma mantilha,
E dizia que, uma vez,
Já salvara uma ilha!
Só se foi com seu baton
Que tinha gosto a baunilha;
Que o seu lenço de chiffon
Não rima nesta cartilha.

Também veio, doutras partes,
Tanta gente! Tanta gente!
Todos tinham muitas artes;
Tinham cara de quem mente:
Jogadores de sueca,
Bebedores de aguardente,
Tocadores de rabeca
Com sotaque diferente;
Vieram chulos de samarra
E putas de andar dolente.
Ah, gaivota, quem te agarra,
Que esta ilha está doente!

Veio um quarto cavaleiro, Como quem saiu da cama... Era mesmo o derradeiro, Inda vinha de pijama.

- -- Donde era? -- Quem sabia?
- -- Talvez fosse da moirama! Cavaleiro se dizia, Sem ter cavalo nem fama, Trouxe hortênsias no cabelo, O sorriso de quem ama,

De ternura, um novelo, Apanhada pela rama.

Chegou junto da Treceira
Sem ter jeito para nada.
Só trazia, em bandoleira,
A viola afinada.
Deu-lhe um beijo, o cavaleiro,
Enfeitado de missanga.
E levando-a pró terreiro,
Lá bailaram a charamba!

### Álamo Oliveira

In: Itinerário das Gaivotas, coleção Gaivota nº 23, SREC, 1982



### A traceira de jasus em

https://www.youtube.com/watch?v=\_c8fCNBi81c&index=113&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C 4tvtkeRI

ler açores em https://www.youtube.com/watch?v=yg5KN9d0IX4&t=49s

álamo a escrita, teatro e o tempo em

https://www.youtube.com/watch?v=FEeyiakpWiQ

álamo diz poesia 21º colóquio nos moinhos de porto formosos em https://www.youtube.com/watch?v=Uq8z1LtFIQA&list=PLwiUyRyOUwOKyMkaiepZif1C

4tvtkeRI&index=163

álamo e chrys poesias musicadas 19º colóquio maia 2013

https://www.voutube.com/watch?v=M0vLogNcUzY&t=1s&list=PLwiUvRvOUwOKvMkaiep Zif1C 4tvtkeRI&index=178

A religiosa de Álamo Oliveira em Seia {youtube}OnwX3rH2RIE{/youtube}

Dona baleia pelo trio da ebi maia https://www.youtube.com/watch?v=odh3WHozrRY

Álamo poema a religiosa 19º colóquio maia 2013 em https://www.youtube.com/watch?v=OnwX3rH2RIE

vídeo homenagem 1 2013 em

https://www.youtube.com/watch?v=xz2zjuKV9gU&index=74&list=PLwjUyRyOUwOKyMkai epZif1C 4tvtkeRI

vídeo homenagem 2 2013 https://www.youtube.com/watch?v=keV6mEwt8GE



COLOQUIOS DA LUSOFONIO **CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS** 

### Suplemento # 28 de junho 2017 ÁLAMO OLIVEIRA

Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor AICL - Colóquios da Lusofonia

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)